

Capa e Batina



ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ESTUDANTES DE COIMBRA EM LISBOA

Editorial

A UNIVERSIDADE DE COIMBRA E OS SEUS ANTIGOS ESTUDANTES

Em boa hora esta equipa reitoral da Universidade de Coimbra deu forma a desideratos por que as várias Associações dos seus antigos estudantes se vêm batendo de há longos anos: serem considerados parceiro social, com vista a futura representação no Senado; e contarem com o apoio da Universidade para a captação dos jovens estudantes no momento em que pedem a certidão das suas licenciaturas, com vista a integrarem as Associações sediadas na área para onde vão iniciar a sua vida profissional.

Nesta senda, foi o *Gabinete de Comunicação e Identidade* (GCI) da U. C. encarregado de desenvolver todos os esforços no sentido de reforçar os elos de aproximação com os Antigos Estudantes, começando pela realização de reuniões onde se identificaram as principais necessidades das Associações, se definiram acções conjuntas e o estabelecimento de um relacionamento futuro sólido e com benefícios mútuos.

Mantêm-se em aberto as aspirações comuns da criação de residências seniores para Antigos Estudantes e da constituição de um órgão de cúpula (federativo ou não) que agregue as Associações já existentes ou a formar.

De concreto, contamos no imediato com a divulgação das A.A.E.C. junto de cada aluno que requeira a certidão e a identificação dos que se mostraram interessados; com a disponibilidade de palestrantes/conferencistas, ligados às várias Faculdades, para futuros eventos; e, como canal eficaz e abrangente, a **REDE de Antigos Estudantes da Universidade de Coimbra**, que promove a comunicação e troca de experiências permanente (histórias, testemunhos, iniciativas, eventos, recrutamento, parcerias, etc., etc.) entre os seus Actuais e Antigos Estudantes e a cooperação com entidades públicas e empresariais.

Os registos na www.uc.pt/ENCONTROS já ascende a milhares.

Assim a Universidade de Coimbra continue a honrar o compromisso de ajudar a constituir novas AAEC e a fortalecer, rejuvenescendo-as, as já existentes, sempre no respeito pela paridade entre todas e pela autonomia e identidade de cada qual.

Maria de Fátima Lencastre

XIV ANIVERSÁRIO DA ASSOCIAÇÃO

Conforme já dizia o nosso Sócio Capela Gordo na descrição que fez (no Capa & Batina nº 25) do XIII Aniversário, “os interesses da nossa Associação são partilhados por muitos associados oriundos das Forças Armadas, que nos ajudam a alargar os horizontes para lá do Pátio da Universidade, da Sé Velha e do Penedo da Saudade”.

E mais uma vez as Forças Armadas nos acolheram, de novo pela mão dos nossos associados Capela Gordo e Pacheco Rodrigues, no mesmo **Centro de Apoio Social (CASFA)** em Oeiras, onde acorreram 189 Sócios e Familiares, que sobrelevaram a alegria do convívio ao desconforto de uma sala de almoço a rebernar pelas costuras...

Mas todos na grande maioria Avós se encantaram com a 1ª parte do habitual Sarau que se seguiu, onde a Orquestra “**Os Violinhos**” despertou ternura e admiração pelo virtuosismo, disciplina e talento da sua actuação, constituída por um total de 120 alunos...

São virtuosos de palmo e meio que levam pasmo e entusiasmo a todas as audiências. A irreverência e imaginação dos alunos, aliadas ao rigor e disciplina dos Professores, têm resultado em contundentes sucessos amplamente repercutidos nos *media*.

Desde a sua primeira apresentação pública, em Dezembro de 1997, o número de Audições, Recitais, Animações e Concertos cresceu exponencialmente. Actualmente, Os *Violinhos* apresentam-se, em *ensembles* com diferentes dimensões e faixas etárias, em inúmeros Concertos didácticos e animações musicais, especialmente dedicados aos mais novos.

Em Abril de 2003 teve lugar a primeira **Gala d’Os Violinhos** no **Teatro São Luís**, entretanto editada em **DVD**, que contou com a presença de ilustres convidados, referências incontornáveis da música em Portugal, seguindo-se a sua primeira tournée aos EUA, onde se apresentaram num Concerto memorável, para mais de 2 000 pessoas, como convidados principais da *Betty Haag Suzuki Academy at The Roosevelt University*, com quem mantêm uma estreita colaboração. Este Concerto teve lugar numa das mais emblemáticas Salas de Concertos de todo o mundo o *Orchestra Hall*, sede da *Orquestra Sinfónica de Chicago*.

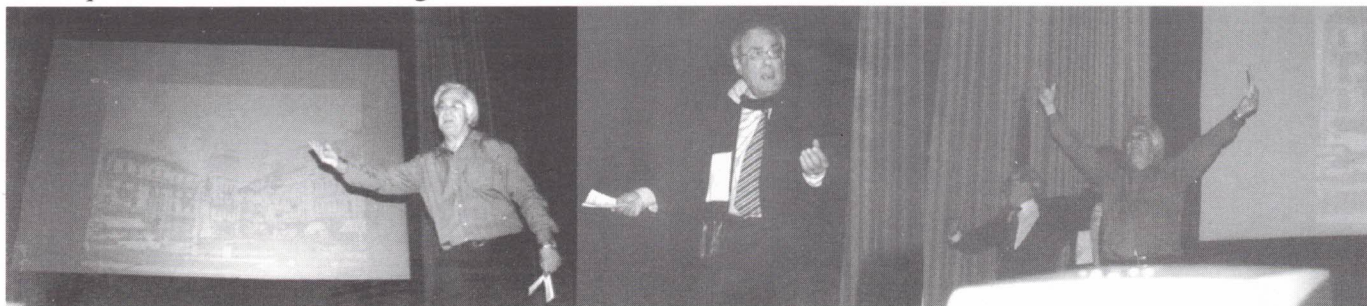
Realizaram recentemente um Concerto de Natal na *Igreja do Mosteiro dos Jerónimos*, onde compareceram mais de 1 200 espectadores e foram ainda convidados para o *Festival Internazionale de Orchestre Giovanili Europee*, em Florença, estando prevista uma Tournée a Itália em Julho de 2004.



A foto junta mostra uma parte dos 21 que actuaram, com idades compreendidas entre os 6 e os 12 anos, sob a batuta exigente, mas carinhosa, de uma jovem Maestrina, que explicou o processo de ensinamento desta arte aos pequeninos principiantes e o seu percurso na carreira. A pequena Margarida (neta dos nossos Sócios Carolina e Alberto Durão Pereira) ofereceu lembranças apropriadas a cada idade, em nome da Associação “aniversariante”, tendo recebido beijinhos de todos eles (de registar o enternecedor acanhamento dos rapazinhos neste agradecimento: a pureza da infância!...).



Seguiu-se uma representação memorável por parte do nosso **Grupo de Expressão Teatral**: o Alcindo Costa, o Hélder Rodrigues e o João Lamas deram-nos “**Coimbra a Preto e Branco**” e “**Memórias de Coimbra**”, inéditos da autoria do Hélder, com a graça e irreverência que ressaltam deste registo:





Depois de uma curta, mas apreciada, intervenção do sempre animoso Grupo Coral “Ad-Hoc”, fechou-se a comemoração com o já tradicional “Grupo Porta Férrea”, que nos brindou com uma **Serenata de Coimbra**, rica nas vozes, nas guitarras e violas que transmitiram a magia da nossa *Alma Mater*.

Maria de Fátima Leucastre

TERTÚLIA ACADÉMICA

“OS SILOS DO SILÊNCIO” - DE EDUÍNO DE JESUS

Foi uma assembleia numerosa e interessadíssima que, em 16 de Fevereiro de 2006, ouviu o nosso assessor cultural Carlos Carranca escarpelizar os poemas do seu homólogo Eduíno de Jesus, compilados na preciosíssima obra “Os Silos do Silêncio”, agrupando-os por temas ou estilos poéticos e tecendo as competentes apreciações.



O seu registo ficou na memória dos presentes e dela ressaltará, decerto, à medida que forem (re)lendo cada poema.

Aqui, fica a essência traduzida nas seguintes palavras:

“A MAIS HUMANA DAS OBRAS”

“Interrogo-me frequentes vezes se não estará a Poesia mais próxima da magia do que da literatura. Ora, o Poeta é um mágico, não é um literato, porque a sua condição essencial é a da criação poética, sendo na dimensão transfiguradora da realidade que o Poeta se cumpre, e não no acervo de obras consultadas ou na profusão de autores citados.

Não é citando os criadores que o Poeta existe, é existindo que o Poeta é.

Vivemos num tempo em que os discursos soam a oco. Vivemos num tempo de múltiplas palavras sem sentido, usadas nos comércios diários dos interesses; palavras que se usam e deitam fora, palavras sem peso específico, sem leveza, em suma, sem valor.

Porque a Poesia passa pelo ritmo encadeado das palavras, e porque ele, o ritmo, assenta na originalidade com que as juntamos ou separamos, é que, ao confrontarmo-nos com a palavra poética, nos reencontramos com a originalidade, com o valor da palavra, a oração do silêncio, da voz de alguém que procura a palavra perdida e o seu lugar no homem o mundo como adjectivo: asseado, purificado, limpo.

Ao entrarmos na obra poética de Eduíno de Jesus,

penetramos na vida que se afasta da razão sem a dispensar, e se aproxima da pura sensibilidade.

A poesia não brinca com as palavras, refaz sentidos, dá-lhes outra coloração, transforma-as sem as deformar.

Há na Poesia de Eduíno uma primorosa conciliação da disciplina com a liberdade, não mistura poema com ideias, elas estão lá, mas são a Poesia.

Não cede à facilidade, não transige com a rima, dá-se numa entrega contida, lúcida, solidária.

São palavras depuradas pela sua nudez. São palavras recolhidas em si mesmas.

Há na sua Poesia uma dimensão espiritual, direi mesmo, religiosa, que entra em nós e se recolhe é a nossa voz que ressoa e nos acorda na transparência da voz do Poeta.

Na ética e na religião, a questão essencial é saber se o homem se redime a si mesmo ou se será redimido por outro; a sua obrigação é quebrar as suas

grilhetas ou, agrilhado, ir quebrar as grilhetas alheias.

A poesia tenta, pela palavra, libertar-nos do ruído que aprisiona e, em função do outro, libertá-lo, religando-o à palavra perdida, no aperfeiçoamento do mundo.

No princípio era o verbo. Todas as coisas foram feitas pela palavra, a palavra desocultadora do mundo, da vida, da beleza.

Sabemos que a morte é a mentira e a verdade é a vida. Mas também sabemos que a única verdade objectiva é a morte porque a vida é um conjunto de mentiras que nos servem de consolo.

Mas o poeta sabe, também, que a palavra vence a morte e que é a palavra poética a mais humana das obras.

Carlos Carranca

OS NOSSOS PASSEIOS

Lá Fora

I - FIM-DE-ANO EM SEVILHA -

de 30 de Dezembro de 2005 a 2 de Janeiro de 2006

Despedimo-nos de 2005 em Sevilha, instalados no Hotel *Tryp Macarena*, que nos proporcionou uma estadia agradável e, pela sua localização, fáceis incursões a pé por todos os recantos desta cidade, com a bênção de um S. Pedro benevolente na determinação das condições meteorológicas...

O nosso grupo (de 54 participantes) integrou-se num *Reveillon* com cerca de 600 pessoas, saboreou excelentes jantar e ceia e dançou, à vontade, até altas horas, com a juventude que nos é peculiar quando estamos juntos.

Como a passagem do ano em Lisboa ocorria 1 hora mais tarde, a gerência concordou (fraternalmente...) em repetir a celebração com a nossa Presidente saudando portugueses, espanhóis e outros presentes em nome da AAECCL, conforme se ilustra e com todos nós a cantar o "Coimbra é uma lição".

O dia 1 de Janeiro foi assinalado com um Show de Flamengo no "Pátio Andaluz", de grande qualidade.



Coimbra em terras de Espanha, no início de 2006

Assim iniciámos o Novo Ano, com animação e firmes propósitos de preservar por muitos anos esta nossa vivência em fraternidade.

No dia 2, regressámos a Lisboa apenas com uma frustração: não termos dado os parabéns ao sempre presente (e neste ano ausente) Carlos Rocha, aniversariante que já faz parte deste programa desde há muito e nele continuará, decerto, por muitos anos.

A Direcção

II – VIAGEM AO CHILE - ILHA DA PÁScoa - PATAGÓNIA - TERRA DO FOGO - ARGENTINA

de 7 a 30 de Janeiro de 2006

As Terras do fim do Mundo

Quando no dia 7:01:06, pelas 20:30h, o grupo de cerca de 50 Sócios e Amigos da AAACL arrancou do Aeroporto da Portela, rumo à viagem Chile/Argentina, as expectativas eram muitas, mas estavam longe de supor que a realidade iria ultrapassar as expectativas mais optimistas e esta seria uma das viagens mais fascinantes da sua vida.

De facto, o Programa era aliciante. Ir ao fim do Mundo passando pela mítica Ilha da Páscoa seria sempre marcante para quem gosta de viajar, conviver com novos Povos e mentalidades, conhecer novas culturas e formas de estar na vida.

Mas ver como vive e onde vive o Homem numa remota ilha do Pacífico, a mais de 3.000 quilómetros de distancia de outros seres vivos, transmitiu-nos uma sensação indescritível de bem-estar e espiritualidade. Ficar a saber como sobrevive o Homem na Terra do Fogo, nos confins da Terra, entre glaciares e gelos eternos, tendo apenas como companhia animais marinhos e aves, foi uma sensação inexprimível que durante muito tempo recordaremos.

Ao longo de uma viagem que durou 23 dias podemos dizer que a comitiva passou por 6 grandes regiões de diferentes características que passamos a sintetizar de forma breve:

Santiago do Chile, Valparaiso e Viñas del Mar: A viagem Lisboa-Madrid-Santiago do Chile, embora longa, decorreu de forma agradável e pelos vistos não cansativa, uma vez que pelas 13h do dia seguinte estávamos todos dentro do autocarro a caminho de Valparaiso e Viñas del Mar, depois de termos descarregado as malas no Hotel *Torremayor*, no centro de Santiago..

Em Valparaiso- o mais importante porto marítimo do Chile - visitámos a curiosa e emblemática casa de Pablo Neruda, almoçámos em restaurante panorâmico com vista para o Pacífico e rumámos a Viñas del Mar, famosa estância turística do Chile.

Na manhã do dia seguinte, fizemos uma visita guiada ao centro histórico de Santiago visitando os locais e monumentos mais importantes como a Plaza de Armas, a Catedral e o Palácio de La Moneda, tendo ficado a parte da tarde livre que cada um aproveitou da melhor maneira.

À noite toda a comitiva foi jantar e dançar a dança típica chilena “la cueca” a um Restaurante típico

“*Los Nuestros Hermanos*”, onde os mais atrevidos andaram numa roda-viva ao som da animada orquestra local.

Gostámos do que vimos, Santiago é uma cidade bonita e monumental, mas os picos mais altos da viagem estavam para chegar.

Ilha da Páscoa: No dia 10 a caravana arrancou logo de manhã num voo de 5 horas a caminho da misteriosa ilha da Páscoa, situada no Pacífico a cerca de 3.700 kms de Santiago e considerada a ilha mais remota do Mundo, uma vez que o local habitado, mais próximo, são as Ilhas Marquesas (a mais de 3.000 kms e também pertencentes à Polinésia).

Foram 4 dias de sonho nesta Ilha chilena que tem a forma de um triângulo com lados de 14, 16 e 24 kms respectivamente, com uma população de 3.000 habitantes que vivem em parte centrados na sua pequena capital Hanga-Roa, em parte dispersos pela ilha todos eles ligados a uma vida tranquila e simples que lhes transmite uma enorme calma e intensa espiritualidade.

À chegada fomos recebidos com colares de flores oferecidos pelos nativos e encaminhados para o Hotel *Hanga Roa* junto ao mar, com a maior parte dos quartos sendo agradáveis *bungalows* virados para a praia.



Chegada à Ilha da Páscoa, já com os colares de flores

Foram 4 dias de sonho passados a visitar a ilha durante o dia pelos locais mais incríveis, a almoçar e jantar agradáveis refeições; peixe local (semelhante ao atum), frutas tropicais (melancia, ananás e papaia deliciosos) e acepipes nativos, a conviver e assistir a espectáculos locais ao entardecer, a dormir descansadamente ao som do mar e da vegetação polinésia ao longo da noite.

A Ilha da Páscoa é mundialmente famosa pelos seus Moais, gigantescas estátuas de pedra vulcânica de grandes cabeças voltadas para o mar (alguns) para impedir que inimigos se aproximem da Ilha, ou voltados para dentro (a maioria) de forma a proteger os nativos de maus olhados. Visitámos o conjunto mais famoso a nível mundial que é o Ahu Tongariki

com 15 Moais de diferentes alturas e compleições, alinhados e virados para terra.



O conjunto de Moais Ahu Tongariki

Depois a chamada fábrica de Moais, um morro impressionante com vários Moais dispersos pela encosta abaixo nas posições mais diversas. A seguir, a Praia de Anakema com Moais no meio de palmeiras a proteger os poucos banhistas existentes. No dia seguinte visitámos a cratera do imenso vulcão Rano Kau que, recolhendo as águas da chuva, abastece de água a população (depois de canalizada e tratada) uma vez que não há rios na ilha.

A cidade sagrada de Orongo situada na mesma elevação do vulcão e integrada no Parque Nacional fez-nos recuar a tempos antigos. Aí na cidade sagrada - perante uma paisagem maravilhosa onde se combinava o verde-amarelo-castanho-alaranjado da terra com o azul turquesa-ultramarino-acinzentado do mar - o guia contou-nos a Lenda das 7 tribus em que, mediante uma prova de resistência, se designava o *leader* da ilha em cada ano (é o argumento principal do filme RAPA-NUI, para quem já viu). Visitámos o Moai com olhos Ahu Tokeriko e a Plataforma com 5 curiosos Moais pintados e com olhos, designada Tahai Vai Uri. Finalmente, estivemos na única e pequena localidade da ilha; Hanga Roa a que os naturais chamam pomposamente a sua capital.

Tudo ali é de pequenas dimensões; o edifício dos Correios, os bombeiros, a farmácia, os cafés (alguns com Internet), as lojas de artesanato. Contactámos com tipos de gente curiosos; um *rapanui* (os habitantes da ilha são designados *rapa nuis*) que já ouviu falar de Portugal e conhece o Luís Figo, um espanhol de Zamora que veio cá de férias e cá ficou, já lá vão 20 anos (hoje é agente de turismo local), um guia nativo altamente sensível e que se comovia a descrever a sua terra e as suas origens, etc.



O nosso grupo aos pés da estátua de Fernão de Magalhães

A última noite na Ilha da Páscoa terminou com um espectáculo em que o Ballet *Kari Kari* apresentou as danças tradicionais *Rapa Nui* que a todos agradou.

Durante a noite, uma forte chuvada tropical foi seguida por uma manhã de sol radioso que a comitiva aproveitou da melhor maneira e preparando-se para o voo das 14.00h que nos iria fazer regressar a Santiago e encerrar assim um dos pontos altos desta viagem.

Terra do Fogo: O voo Santiago-Punta Arenas foi memorável. À medida que nos aproximávamos das Terras do Fim do Mundo, o espectáculo lá em baixo era deslumbrante com montanhas de picos cada vez mais brancos, por entre as quais serpenteavam rios, alguns deles gelados. À medida que os primeiros frios invadiam o interior do avião os corações mais sensíveis da comitiva batiam ligeiramente mais apressados.

Chegamos a Punta Arenas - sob grande expectativa - ao início da tarde e nesta cidade austral tudo evoca Fernão de Magalhães; Rua principal, Largo Central, Restaurantes, Ourivesarias e até barbeiros com o nome do ilustre navegador português (sabem que é português e não espanhol e dizem-no com alegria).

No Largo Central, onde Fernão de Magalhães aponta a direcção do Estreito com o seu nome, o grupo circundou a sua imponente estátua, e logo ali foi declamado o I Canto dos Lusíadas, a que se seguiu o Hino nacional e até uma bandeira portuguesa de repente apareceu não se sabe bem donde. Foi um momento de sentimento nacional marcante numa época em que é moda ser global.

Visitámos ainda o Museu Etnográfico e, depois de uma visita panorâmica pela cidade, embarcámos num cruzeiro de sonho que durante 5 dias e 4 noites nos iria fazer vogar e sonhar entre glaciares pela inóspita e distante Terra do Fogo.

Foram dias e noites de encanto as que se seguiram...que dificilmente conseguimos descrever. Vimos glaciares de azul intenso devido à sua elevada

compactação (como o Marinelli, o Pia e a imponente Avenida dos Glaciares), percorremos fiordes, atravessámos canais (como o Ballenero e o Beagle), vimos animais marinhos como leões e elefantes, focas e pinguins, vimos flora rara, só existente por estas paragens, tendo como ambiente de fundo um contacto indescritível com a Natureza imponente, imensa, tranquila.

No interior do barco uma animação continuada; palestras culturais alusivas ao local e ao momento, desfile de modas (com Fátima Lencastre e *sus muchachas*), poesia, música e fado de Coimbra.

No dia 17:01 chegámos ao mítico e tão celebrado **Cabo Horn** que marca a extremidade da América do Sul no local em que o Atlântico se junta ao Pacífico.

A ilha de Horn juntamente com um grupo de ilhotas baixas com pequeno relevo, sem gelo, cobertas de vegetação rasteira tipo musgo, faz parte do arquipélago Wollaston e pertence ao Chile.

O grupo desembarcou em botes na ilhota, subindo por íngreme escadaria até ao monumento do albatroz onde fez a fotografia da praxe.

Um momento inesquecível, um momento de êxtase....

Dali rumámos a **Port William**, a aldeia mais a Sul da Terra, habitada 50% pela armada chilena e suas famílias e depois, a **Ushuaia**, a cidade mais a Sul, território argentino.



Preparando o embarque num bote que nos transportou sobre as águas geladas do Atlântico até ao Cabo Horn

Em Ushuaia visitámos o Parque Nacional da Terra do Fogo a bordo de um pequeno comboio "O Trem do Fim do Mundo", não sem que antes, na Gare de embarque, os mais afoitos dançassem uns tangos ao som da orquestra local antes do comboio chegar (uma boa sugestão para a nossa CP).

Depois foi a visita ao Museu da Marinha situado num antigo Presídio e onde se encontrava também uma exposição temporária de *Salvador Dali*.

De Ushuaia rumámos a Calafate na Patagónia argentina, terminando assim um ponto muito alto desta viagem.

Patagónia Argentina e Chilena: Em Calafate ficámos



Momento único: junto ao monumento do Cabo Horn, com o albatroz recortado no horizonte

hospedados no Hotel *Kempinsky* e dali partimos para visitar, o mundialmente famoso, glaciário Perito Moreno.



Com o glaciário Perito Moreno ao fundo, mais um momento inesquecível desta viagem

Uma enorme massa de gelo (250 km² de superfície maior que a área metropolitana de Buenos Aires que são 170 kms²) que escorre de vários cerros para o Lago Argentino e que, ao solidificar, forma um conjunto impressionante de picos, cúpulas, agulhas, túneis, cavernas, espigões, paralelepípedos de azul e branco que são uma verdadeira maravilha para os olhos.

Ao entardecer, visitámos a herdade “*Galpon Alice*” onde tivemos a oportunidade de calcorrear um pouco a pampa argentina, ver como são conduzidos os rebanhos por *gaúchos* e seus cães, assistir ao corte de lã de uma ovelha, e, nos deliciarmos com uma

churrascada e assistirmos a um show tradicional argentino.

De Calafate partimos de autocarro - atravessando a zona fronteira da Patagónia - para **Puerto Natales**, no Chile, uma pequena cidade próxima da costa do Pacífico, enquadrada por impressionantes glaciares como pano de fundo no horizonte.

O dia seguinte foi passado com uma visita ao famoso Parque Nacional *Torres del Paine* (250.000 Ha que pertencem à *Reserva Natural da Biosfera da Unesco*). Foi um dia em pleno contacto com a natureza vendo guanacos, nandus, flamingos vermelhos, condores e os deslumbrantes picos designados “*Cornos del Paine*” um monumento da natureza que os esquiadores bem conhecem.

O avião, de seguida, levar-nos-ia para outra região, a dos Lagos Andinos.

Lagos Andinos: O voo Punta Arenas-Puerto Mont passou por cima dos Andes donde se vêem glaciares desaguando para os lagos andinos, alguns de grande dimensão.

Fez-se uma visita panorâmica a **Puerto Mont** e dali seguimos para **Puerto Varas** uma pequena povoação chilena de 20.000 habitantes situada nas margens do Lago Pehué com o vulcão Osorno (2.661 metros de altura) e que iria constituir o ponto de partida para a travessia dos lagos andinos.

O dia seguinte foi uma sucessão de locais agradáveis através da cordilheira andina; Parque Nacional André Jimenez, travessia em barco do Lago Esmeralda, Puerto Varas, almoço em Peulla, na fronteira entre Chile e Argentina em plena cordilheira dos Andes,



No Cerro Campanário depois de uma subida de “*Aerosilla*” e em frente a uma paisagem fabulosa

travessia do **Lago Frias**, catamarã de 2 horas através do Lago Nahuel-Huapi em direcção a S. Carlos de Bariloche. Uma visita panorâmica a **Bariloche** - famosa estância turística argentina - levou-nos à Catedral de *Nossa Senhora de Nahuel Huapi*, depois subimos de "aerosilla" até ao Cerro Campanário donde tivemos uma vista maravilhosa a 360.º dos lagos e ilhas desta famosa Região, visitámos a Igreja de *St Edwards* e terminámos com um belo almoço no "Rincon da Patagónia".

À noite no Hotel *Edelweiss*, como não houvesse nada agendado, mais uma Tertúlia académica onde livremente - e com a caravana toda feliz e animada - se trocaram opiniões sobre a viagem, se leram textos e declamaram poesias alusivas ao local e ao momento.

A manhã do dia seguinte foi livre e à tarde tivemos o voo para Buenos Aires para assim se iniciar a última etapa desta maravilhosa viagem.

Buenos Aires: Chegámos à capital argentina por volta das 21h mas, mesmo apesar da hora tardia, toda a comitiva avançou em bloco para o jantar na famosa churrascaria "Cabanas de Las Lilas" em Puerto Madero (uma espécie de Docas). Entradas apetitosas, churrascada variada (com bifos suculentos enormes), vinhos de qualidade, frutas e doces variados tornaram o jantar animadíssimo até para além da meia noite.

No dia seguinte, logo pela manhã - com todos despertos e bem dispostos - uma visita panorâmica começou por passar pelo centro, ver o Teatro *Colon* e parar na *Plaza de Mayo* com a sua Catedral.

Buenos Aires pela sua monumentalidade faz lembrar Madrid. Uma Madrid em plena América do Sul que acaba por ser um espanto de beleza clássica.

Depois o Bairro de *La Boca*, pobre mas típico, de casas pequenas mas coloridas e de estilo. Lá está o Estádio de *La Bombonera* onde Maradona e outros ases da bola se iniciaram antes de correr o Mundo.

O famoso *Camiñito* que não é mais do que uma rua sem trânsito, mas com muita história onde artistas expõem a suas obras e pares dançam o tango.

Depois do almoço com o tradicional churrasco em "La Tranquera" iniciámos um minicruzeiro no Tigre ao longo do delta do Rio Paraná (um afluente do Rio da Prata) bordejado de moradias de famílias ricas com embarcadouros privativos.

À noite fomos jantar e assistir a um Show de Tangos à célebre "Esquina de Carlos Gardel".

O dia seguinte, foi um dia livre, em que as pessoas se dispersaram e, sós ou em grupos, aproveitaram para passear, descansar, fazer compras, visitar monumentos.

O Café *Tortoni* (emblemático em Buenos Aires), a *Recoleta* (bairro em cujo cemitério está o jazigo de Eva Peron), centros comerciais, livrarias, lojas de

modas, foram alguns dos locais mais visitados.

À noite, o show de gala para encerramento da viagem no "Señor Tango", em que foi apresentada um belo *music-hall* sobre a história da evolução do tango através dos tempos com o principal protagonista, Fernando Soler, o mais famoso intérprete argentino da actualidade.

Um espectáculo tipo *Broadway*, que a todos agradou, em que os mais famosos tangos *La Cumparsita*, *Mi Buenos Aires querido*, *Chora por mim Argentina*, *Por una cabeza*, *Adios muchachos* e tantos outros, foram cantados e acompanhados em coro pelo grupo (sentados nas mesas da 1ª fila), terminando com vivas a Portugal e a Coimbra e uma taça de champanhe brindada pelo cantor.

Chegou finalmente o último dia em terras da América do Sul... A manhã livre para visitas e compras. O Bairro e Feira de antiguidades de *San Telmo*, uma última refeição no *Tortoni* e encontro final no Hotel para avanço para o aeroporto para o voo para Lisboa via Madrid.

Toda a noite o avião sobrevoou o Atlântico num voo de 12 horas para Madrid e constato que a comitiva está cansada mas feliz....

Sente que acabou de realizar uma viagem maravilhosa e única, tendo vivido um Mundo de sensações que ultrapassaram a beleza paisagística das regiões visitadas e foram para além do imaginário.

Vejo daqui a Fátima e o Chichorro, a Raquel, o Arnaldo e a Maria José, o António Revez e a Rafaela, o Fernando Ruas, o José Manuel da Costa e a Manuela, o Sousinha e a mulher, a Ivette, a Maria de Lourdes, a Susana, a Elvira, o Fernando e a Isabel Soares da Costa, a Ângela, a Ermelinda e a Maria Guerra, a Maria da Luz, o António Mayer e esposa, o Durão e a Carolina, o Paquim e a Alice, o Manuel Ferreira e a mulher, o Lucas dos Santos e a mulher, o Cláudio Cunha e a Adelaide, o Daniel e a mulher, o Correia Azevedo e a mulher, a Abélia, a Maria Teresa, a Helena Salvador, a Maria Rosa Fernandes e o marido, a Isabel Freire e outros (pois estou a falar de memória).

Dum modo geral dizem que nunca fizeram uma viagem tão magnífica como esta e eu e a Pitty concordamos absolutamente com eles.

Também para nós...esta viagem foi "A Viagem" Produzir uma viagem destas não é tarefa fácil. Todos sentimos que tivemos a melhor parte, usufruímos do produto final. O trabalho foi todo da Direcção.

Por isso, a Fátima Lencastre com a sua capacidade de liderança, de entrega e determinação; a Isabel Soares da Costa com a sua gentileza e simpatia, o Francisco Chichorro com o seu bom senso e respeitabilidade mereceram de toda a comitiva os nossos agradecimentos.

Entretanto Lisboa está cada vez mais perto e, em contraste com uma Madrid chuvosa e enevoadada, aparece-nos a pouco e pouco um Portugal lindo, verdejante e luminoso.

A alma da comitiva parece de novo despertar e um novo cântico começa a encher os corações....

Helder Rodrigues

QUATRO DIAS EM SANTIAGO DO CHILE

1. A Cidade

Santiago do Chile foi fundada em Fevereiro de 1541 pelo Espanhol Pedro de Valdivia. A cidade nasceu num vale junto ao maciço Andino, na zona onde hoje se situam os cerros de Manquehue e de San Cristobal e é atravessada por um caudaloso curso de água, o rio Mapocho, que é alimentado pelas chuvas e pelo degelo das neves dos Andes.

Santiago tem cerca de 6.000.000 de habitantes - 40% da população do Chile. É uma cidade de tipo Europeu, limpa e muito arborizada, onde se concentra a maior parte da vida política, económica, social e cultural do País. É muito bonita e moderna e possui uma excelente rede de metro. Pode considerar-se tão segura como qualquer grande cidade da Europa. A afabilidade e simpatia dos Santiaguenses, é uma característica que não pode deixar de ser salientada. Ali o turista não se sente perdido, pois aparece sempre alguém disponível para o ajudar e informar. A classe média é predominante e forte. A miséria, se existe, é pouca e não é visível. Caímos em Santiago em plena campanha eleitoral para a Presidência da República. Jovens ostentando bandeiras dos dois lados em confronto cruzavam-se constantemente nas ruas. Mas nunca vimos o mínimo sinal de hostilidade entre eles.

Como "*fait-divers*" julgamos interessante referir uma conversa havida enquanto tomávamos um café no Caribe (um dos célebres "Cafés com Pernas"), com um senhor de Santiago que quis saber de onde éramos e para onde íamos a seguir. Quando o Eduardo Lucas dos Santos lhe falou em Buenos Aires disse de imediato: "Isso sim é uma cidade. Ao pé dela Santiago é uma aldeia". Talvez seja, mas nós que a conhecemos bem gostámos muito do que vimos e, seguramente, não podemos deixar de a referenciar **como uma cidade que merece ser visitada!**

2. A Gastronomia

Come-se bem e por preços razoáveis em Santiago.

Mesmo mais barato do que em Lisboa, para o mesmo nível de qualidade. E o vinho Chileno também é bom ou muito bom, mas os preços são um pouco superiores aos nossos. No Mercado Central, no Donde Augusto, come-se "Merluza" frita de boa qualidade. Mariscos, contudo, não se recomendam. O Italiano *Squadritto*, Calle Rosal 332, na zona do Cerro de Santa Lucia, constitui outra excelente escolha. Um passeio prévio no Cerro abre o apetite e outro, ao longo dos Parques, até à Biblioteca Municipal, ajuda a digestão! Perto do nosso hotel - *Hotel Torremayor*, bom e central, no Bairro Providência, metro Los Leones, na Calle 11 de Setembro, há três restaurantes: Dois, onde comemos muito bem e por preços acessíveis: Um italiano, *La Pizza Nostra*. Quase em frente, um outro, do outro lado da rua, com cozinha tradicional, cujo nome não nos recordamos. Há ainda o Restaurante Panorâmico, no topo dum Edifício alto, que apenas visitámos, interessante e com uma bela vista sobre Santiago e que nos pareceu ter preços razoáveis. Para quem aprecie gelados, recomendamos o *Bravíssimo*, também na Calle 11 de Setembro. **Mas, a não perder, é mesmo o "El Coco", para comer peixe de excelente qualidade e magnificamente cozinhado.** É na Calle La Concepcion 236 (tel. 235 86 49), próximo da estação de metro Pedro de Valdivia.

Eduardo Lucas dos Santos & José Manuel Costa

(quedaram-se em Santiago, para descansar (?!), enquanto as consortes visitavam a Ilha da Páscoa...)

RAPA NUI (nome original da Ilha da Páscoa)

13.01 2006, algures sobre o Oceano Pacífico, a caminho de Santiago, deixando para trás a ilha da Páscoa. Vá lá saber-se por que razão absurda, a ideia de que dentro de algumas horas iria aterrar no aeroporto da capital Chilena me deixou subitamente tenso. Passo rapidamente os olhos pelos títulos de primeira página do jornal que me deram à entrada para o avião, e fico mais tranquilo. Por enquanto não chove em Santiago.

Recordo Rapa Nui, essa improvável excrescência da crosta terrestre que, surgindo aos nossos olhos como um mero acidente geográfico perdido e isolado na imensidão do mar, mais parece um elemento subversivo na paisagem, tendente a tornar o oceano um pouco menos Pacífico.

Tudo nesta ilha (que os antigos habitantes acreditavam ser o umbigo do mundo) parece concorrer para nos provocar inquietação. No início são os nossos sentidos, despertados pelos matizes do colorido da vegetação aqui e ali florida de um

vermelho purpúreo, a fazer o contraponto com as várias gradações do verde predominante do arvoredor. O Sol impiedoso do meio da tarde, cujo brilho parece lavar a paisagem, aquece o ar ambiente, tornando-o um pouco sufocante, e entretanto vai brincando com as cores das árvores, alterando-lhes as tonalidades de momento a momento, como uma criança volúvel de lápis de cor em riste. Por fim, talvez cansado de tanta traquinice, revê-se no espelho límpido das águas do mar cujo azul vivo e intenso não tem limites, e deita-se a caminho, deixando a tarde cair. A seguir somos tocados pelos cheiros jamais experimentados em qualquer outro lugar, e até pela novidade do gosto exótico dos seus frutos (colhidos à socapa de uma árvore da cerca do hotel, dos quais jamais saberei o nome). O recorte da ilha é de uma beleza estranha, singular, na sua forma de triângulo caprichosamente isósceles. Esta curiosidade e outros pormenores de carácter geométrico estranhamente coincidentes funcionam como um verdadeiro convite aos amantes da magia, sempre prontos para a elaboração de rebuscadas teorias de natureza cabalística. Não falta sequer uma praia de areia surpreendentemente branca, atendendo à origem vulcânica da ilha. Aliás, as crateras topetando as nuvens lembram úlceras gigantes por onde magmas de sofrimento foram vertidas em espasmos convulsos, dando assim um toque trágico ao ambiente. Todavia, o povo Rapa Nui mostra-se naturalmente acolhedor, sem servilismo. Não abdicam da sua dignidade e tratam-nos como pessoas suas iguais, facto que anoto nos meus apontamentos com nota positiva.

Mais tarde, também o nosso espírito será empurrado para o desassossego. A ilha, a vários títulos enigmática, é apresentada aos visitantes como envolta em segredos e mistérios que remontam a uma cultura primitiva de surpreendente complexidade, ainda hoje não completamente esclarecida. A isso junta-se essa estranha forma de grafar não as palavras mas os conceitos, que é o Rongo-Rongo, de esquisita graciosidade. A partir daí, é todo um exercício de exacerbado misticismo que passa por lendas, superstições, crenças, passadas de pais para filhos, todas elas de comovente ingenuidade, sendo que a cultura actual conserva uma grande quantidade de ritos e cerimónias ancestrais. Surpreende a concepção estética de natureza incomum e o volume desmedido das estátuas de pedra, a que chamam Moais, com as quais os primitivos habitantes da ilha pretendiam imortalizar os seus antepassados, investindo-as, após um ritual complicado, de um poder sobrenatural capaz de proteger a ilha e as pessoas. Não menos surpreendente é o facto de todas estas estátuas gigantes terem sido metodicamente decapitadas e derrubadas, constituindo assim

verdadeiros cadáveres de pedra porque roubadas do simbolismo dos olhos, talhados em coral branco e obsidiana, fonte do seu poder sagrado. Este quadro é o testemunho material de um cataclismo social, cultural e humano, que se abateu sobre esta pobre ilha. Que loucura foi essa que tomou as gentes que, senhores de uma cultura complexa e singular, se auto mutilaram através de actos brutais de destruição de vidas, de bens e inclusive do seu próprio património cultural e artístico? Que motivação presidiu a esse patético caminhar para o abismo?

Tudo isto cria um clima de perplexidade no nosso espírito. Perplexidade que se transmuda em verdadeira preocupação quando, inevitavelmente, somos levados a estabelecer um paralelo entre o drama da Ilha da Páscoa e momento que vivemos na actualidade. Sobretudo se atentarmos em alguns sinais premonitórios que anunciam tempos difíceis para a humanidade e no horizonte se perfila o espectro de uma nova barbárie. E mais ainda quando, aqui e agora, percebemos no comportamento dos grandes senhores deste pequeno mundo algo que faz lembrar aquela insanidade, aquela cegueira, aquela cupidez, aquela loucura que atacou os homens que conduziram os destinos de Rapa Nui.

António Iria Revez

III – VIAGEM DE VERÃO À BAVIERA E ÁUSTRIA

de 10 a 21 de Junho de 2006

A viagem decorreu sob quatro signos – os 250 anos do nascimento de Mozart, a Áustria monumental e os castelos da Baviera, a que se veio juntar, sem querermos, o Campeonato do Mundo de Futebol, que estava presente nos *halls* dos hotéis e nos ecrãs gigantes das praças de todas as localidades por onde passámos. O tal fenómeno de massas que nem todos partilham.

10/06 - Antes mesmo de chegarem todos do nosso grupo ao aeroporto da Portela, já uma equipa jovem do Turismo de Portugal oferecia um *kit* com uma *bandelete*, balão e saco com o verde e vermelho de Portugal. «Vai apoiar a nossa selecção?» «Claro!» «Então aqui tem.» A Maria do Amparo honraria na viagem as cores de Portugal em todos os jogos em que a nossa selecção participou.

Dia de sol radioso em Lisboa. Registei nos meus apontamentos que eram 16.15 horas quando o avião descolou. Viagem sem história, onde nos fomos conhecendo e trocando de lugares, quando possível.

Em Amesterdão, espera e embarque para Munique. Mais uma boa ocasião para nos irmos conhecendo uns aos outros.

BAVIERA

Rumámos de imediato ao Hotel Europa, era noite. O nosso primeiro guia, Mário, era brasileiro e vive em Munique. No percurso falou-nos do *Arena*, o estádio onde na véspera, dia 9 de Junho, tinha sido a cerimónia da inauguração do Campeonato do Mundo de Futebol FIFA 2006. O estádio, que é novo, foi inaugurado em Abril de 2005 no local do primeiro estádio dos Jogos Olímpicos de 1931, de má memória, sob a tutela de Hitler, que abandonou a bancada quando um norte-americano negro brilhou no atletismo. O estádio parece um gigantesco pneu branco translúcido. O projecto é dos arquitectos suíços Herzog e De Merron e começou a ser construído em 2002. Tem aspectos técnicos assinaláveis, como a capacidade para 66 mil espectadores, com três níveis de arquibancadas e a saída do estádio demora apenas 15 minutos. Nos 35 minutos que mediam do aeroporto ao hotel ficámos ainda a saber que Munique tem 1,300 milhões de habitantes e é uma das mais prósperas cidades alemãs, composta por 13 estados. No caminho do hotel vimos uma tabuleta a indicar o campo de extermínio de Dachau, ali a poucos quilómetros. Hitler teve de se render à evidência da superioridade de um atleta negro: Hitler.

A Baviera, com Maximiliano José, apoiou Napoleão Bonaparte e passou a Reino em 1806 e manteve-se assim depois do Congresso de Berlim. Em 1870 foi entregue ao império germânico e passou a república em 1919, depois da abdicação de Luís III.

Na viagem de autocarro passámos pelas instalações da BMW e pelas torres gémeas com as abóbadas em cobre esverdeado da igreja Frauenkirche, onde está sepultado Luís II. Também admirámos a torre pontiaguda da Neues Rathaus. Munique é a capital da Baviera e da cerveja. Está muito perto de Viena e é banhada pelo Rio Isar.

11/06 - Visita ao **Palácio das Ninfas** (Nymphenburg), residência de Verão dos reis da Baviera. Data de 1664 e foi mandado construir pelo Eleitor Ferdinand Maria, mas nele intervieram cinco soberanos Wittelbach. O nome do palácio vem-lhe do monumental fresco do tecto com a deusa Flora rodeada de ninfas. O jardim é parte integrante deste enorme palácio. Difícil exprimir o que mais nos impressiona. Não se podem esquecer as tapeçarias com temas vários, bem como as antecâmaras e quartos em tons quentes. O salão de caça repleto de telas alusivas, emoldurados por estuques ouro velho.

Sobressai a sala com 36 retratos de damas ou Galeria das Beldades, todos de autoria de Friedrich Durck. Tem jardins e lagos repousantes e o Museu das Carruagens. Visita demasiado rápida.

Por ser Domingo havia famílias inteiras nos seus trajes típicos do Tirol a passear a pé. Crianças de colo que são um encanto. Muitos ciclistas. Visita rápida pela cidade. Marienplatz e o prédio da Câmara Municipal, muito imponente, com o famoso relógio que às 11 h., meio-dia e 17 h. repica nos seus 43 sinos e onde, durante oito minutos, se podem ver enormes figuras da história da Áustria primorosamente vestidas. Bonecos de madeira que se movem em carrossel. O nosso grupo não apanhou a hora certa, mas muitos de nós já o tinham visto a funcionar, noutras ocasiões. Havia 200 leões espalhados por Munique a fazerem publicidade, como a *Cow Parade* em Lisboa. Ocasão para tirarmos fotos turísticas. Passámos na Cidade Olímpica.

Nota histórica. Maria Sofia de Baviera-Neuburgo (1666-1693), segunda mulher de D. Pedro II, nasceu na Baviera. Foi mãe de D. João V.

München deve o seu nome aos monges beneditinos. A família Habsburgo é católica, e 43% da Baviera também. Passámos pelo obelisco negro que marca a amizade entre a Baviera e a Grécia. A imperatriz Sissi também aqui nasceu. Ouvimos falar dela durante toda a viagem, porque teve uma vida trágica imortalizada no ecrã por Romy Schneider. Visitámos o Jardim Inglês e almoçámos num local muito fresco na penumbra que pertence à Câmara Municipal de Munique. Fomos servidos por um batalhão de criados fardados e fizemos as primeiras honras à cerveja de Munique servida em profusão.

Visitámos ainda a igreja de São Pedro, do séc. XVIII, consagrada em 1733 à Santíssima Trindade, obra-prima de Lukas von Hildebrand, onde a nota é o altar a Santo António e a imponente cúpula. Munique tem 12 igrejas católicas e o actual papa nasceu aqui. Passámos também pela casa onde viveu Ibsen.

Rumámos ao Sul pela auto-estrada. Duas horas até ao **castelo de Neuschwanstein**, construído a partir de 1869 pelo rei Luís II da Baviera. É magnífico pela localização, as torres e torreões são imponentes de qualquer ângulo. Parte do trajecto foi feito em *charrette*, puxada a mulas, que deram folga aos nossos pés. Imensos turistas de muitas nacionalidades. Muito calor. É a maior atracção da Baviera.

O palácio é uma fantasia em pedra, construído à força de braços e de mulas, pois não havia guas na época. Uma profusão de luxo, de dourados e de uma grande paixão pelas óperas de Wagner. O seu nome foi inspirado na ópera *Lohengrin* onde aparece o Cisne da Noite. Nas paredes do castelo estão imortalizadas outras óperas de Wagner como *Persifal*, *Tristão* e

Isolda. O castelo é um hino à música, à fantasia, ao sonho, e por tudo isso, é mágico. A sala mais importante é o Salão dos Cantores (Sängersaal) ornamentada com candelabros de ouro. Madeiras trabalhadas, pinturas murais, tapeçarias, armas, peças de mobiliário, enfim peças feitas por artífices de esmerado gosto. Curiosamente o quarto de Luís II é simples, quase uma cela monástica, com uma cama estreita, de boa madeira encostada a uma parede e pouco mobiliário. Viveu aqui muito pouco tempo. A paisagem que se desfruta é «de cortar a respiração». Janelas estreitas de onde se pode ver uma cascata rompendo a agressividade das rochas. A descida tem de ser mesmo a pé para todos, de qualquer idade, salvo os pequeninos que vão às cavalitas dos pais. Luís II teve um fim trágico como as personagens das óperas do seu compositor de eleição. Suicídio ou morte acidental? O mistério envolve o castelo e o rei.

ÁUSTRIA

Entrámos na Áustria sem dar por isso, rumo a **Innsbruck**. Jantámos num hotel central cheio de gente nova. Como era Domingo ouvia-se uma saudável algazarra. Convívio agradável, e na sala ao lado, apenas separada por um pequeno biombo, dançava-se o tango. Soubemos que Portugal ganhou a Angola 1-0. Ficámos hospedados no óptimo Hotel *Hilton*, de que iríamos ter muitas saudades.

12/06 - Tivemos guias em todas as cidades, todos os dias. Avisados para levar um abafo, porque lá em cima as temperaturas podiam ser de 15°. Afinal esteve aceitável, com uma leve neblina. A nova guia falava espanhol e era austríaca. Dia bonito. A guia deu relevo à história da Áustria. Passámos pelo Arco de Maria Teresa (1717-1780) e há inúmeras estátuas da arquiduquesa por toda a Áustria. Marcou uma época, com a sua política de casamentos. Era conhecida pela «sogra da Europa». A filha mais nova foi a malograda Maria Antonieta, rainha de França, contemporânea dos nossos reis D. José e D. Maria I, e reinou perto de quarenta anos. A arquiduquesa Maria Teresa casou com Francisco Estêvão de Lorena (também denominado Francisco I) e tiveram 16 filhos - 11 raparigas e 5 rapazes. Durante o seu reinado a Áustria viveu um dos mais prósperos períodos da sua história.

Viagem entre montanhas. Magnífica. O rio In tem 1200 km. Innsbruck é a capital do Tirol. Todo o território está entre montanhas e de uma beleza incrível. Tudo verde, com neve todo o ano nos píncaros e com casas espalhadas pelas planícies e encostas, como se fossem telas de impressionistas. Visitámos a Abadia de Wilten com figuras do Antigo Testamento, como Judite e Holofernes, onde se pode

ver também Sta. Teresa de Ávila. Todo o ouro da igreja é de 24 quilates, mas a maior parte é apenas cobertura fina de ouro, porque foi edificada numa época de dificuldades. A base, de madeira e gesso recoberta, brilha como sendo tudo ouro. Há no Tirol 35 igrejas e uma basílica que são dependentes de Roma, directamente. Em todas as povoações há uma igreja com campanário que terminam num pináculo dourado.

Passeio pela cidade em autocarro, para ver a mais recente obra - uma pista fantástica de gelo com um trampolim monumental. Só para esquiarem nas montanhas do Tirol recebem os tirolezes mais de dez milhões de pessoas por ano. Há cerca de 25.000 mil estudantes na cidade.

Maximiano de Habsburgo foi um dos imperadores mais importantes para a Áustria. Casou, em 1477 com Maria da Borgonha. Foram avós do imperador Carlos V, casado com Isabel de Portugal. Os casamentos engrandeceram a Áustria e cumpriram a máxima: «Deixa que se guerreiem os outros, tu, feliz Áustria, casa-te. Os reinos, que o Deus Marte dá aos outros, dá-tos a ti Vénus», disse o rei húngaro Mathias Corvinus.

Visita à catedral de São Jacob que tem um dos famosos quadros de Lukas Cranach - «Virgem com o Menino». Na igreja dos Capuchinhos, que alguns de nós visitaram também, há quadros deste pintor, amigo de Lutero. De tarde fomos ao castelo de Ambras para vermos armaduras numa quantidade impressionante de várias países e séculos. Tem uma colecção de curiosidades de luxo. Peças em prata, marfim, tartaruga, ouro, prata e madrepérola, conchas raras, máscaras em gesso. Armas ricamente decoradas com desenhos minuciosos. Fernando II foi o fundador do castelo, na última fase da era da Cavalaria.

Com a tarde livre houve algumas pessoas do grupo que ainda foram ver o Hofkirche, onde se pode apreciar além do túmulo de Maximiliano, 28 estátuas em bronze maiores que o tamanho normal de membros da família Habsburgo que rodeiam o sarcófago.

O IMPÉRIO À DERIVA?

Um dos episódios engraçados da viagem, que deu uma saborosa polémica, foi sobre a amplitude da palavra «império». A guia apenas se cingira à definição de império Romano-germânico e disse que só o papa podia sagrar os imperadores. No autocarro, o Eduíno de Jesus foi explicar ao microfone que o conceito de império existiu muito antes do cristianismo e falou dos impérios inca, persa, romano, etc. E depois passou a expor de forma sucinta, como é seu apanágio, o conceito mais alargado de império e disse que Portugal também teve império, como a

Espanha e outros países. Napoleão também se sagrou imperador, e para concluir, “qualquer um” podia arvorar-se em “imperador”, disse com algum humor. A Maria de Lourdes Amorim interveio depois mais cingiu-se também ao conceito de sacro império de Carlos Magno. Esta quase polémica foi-se espalhando em pequenas conversas. No jantar desse dia alguém cerimoniosamente tratou o Eduíno de Jesus por Dr. Eduíno, que atalhou: «Tire o Dr.» e eu aproveitei para uma pequena provocação. Perguntei-lhe como gostava então de ser tratado, e, sorrindo, respondeu: «Agrada-me o Dom.» Então os presentes decidiram por unanimidade que passaria a ser Dom Eduíno Moniz de Jesus, Imperador do Sacro-Império do Espírito Santo, dada a sua condição de açoriano e as festas do Senhor Santo Cristo serem em São Miguel. Quem soube da história passou a tratá-lo por “Dom Eduíno”.



O Triunvirato, com o D. Eduíno ao centro

Jantar no restaurante *Sandwirt Tiroler Alpenbühne* e programa nocturno de folclore, ao lado do restaurante. Tudo muito campestre e alegre. Noite agra-

dável, com palmas a acompanhar o ritmo das canções. Apresentaram diversas danças num palco pequeno, de modo que pareciam marionetas. Éramos cerca de 200 pessoas e os artistas uma dúzia. Alegres, risonhos e com boas vozes e danças ora lentas ora enérgicas. No final, tendo em atenção que era um espectáculo para turistas, cantaram pequenos trechos de canções muito conhecidas de cada país ali presente, desde o russo, passando pelo sueco, espanhol, italiano, húngaro, inglês, grego e claro, o português. Conteí músicas de mais de 25 países. Os mais afinados e descontraídos do nosso grupo também cantaram. Como não podia deixar de ser foi escolhida a mundialmente conhecida «Coimbra» em nossa honra, cantada em coro. Saímos para a noite e hotel às 10, 30 horas.

13/06 - Despertar às 6,30 h. Ida às cataratas. Passámos às 9.35 horas pela mais alta estrada da Europa. Cataratas em escada de Krihmler, as mais altas da Europa. Natureza deslumbrante. Estivemos a mais de 1450 m. O motorista húngaro que nos levou a todo o lado era cuidadoso a guiar naquelas curvas apertadas. Passavam por nós, a subir e descer *motards* e ciclistas, sem temer o frio. Todos atentos ao percurso. Foi o momento para ouvir as valsas de Strauss em pano de fundo. Li ao microfone aspectos da vida de Carlos V, de D. Isabel de Portugal e de Francisco de Borba. A Lourdes Amorim na véspera tinha feito uma intervenção sobre Alfredo Keil, de origem austríaca e a criação do nosso hino nacional. Direcção Salzburgo. Nova guia. Chamava-se Martina, muito alegre e muito ruiva. Vestia a roupa típica tirolesa e falava bastante bem o português. Foi a melhor guia, votada por unanimidade.



Nos Jardins do Palácio de Mirabel

Salzburgo tem um centro antigo com ruas estreitas, legado da época medieval, igrejas barrocas e palácios com jardins majestosos, dispostos dos dois lados do Rio Salzach. De tarde visita aos Jardins do palácio de Mirabelle, estância de Verão de Eugénio de Sabóia. Ali foram filmadas cenas do famoso filme *Música no Coração* como a canção «Dó, Ré, Mi». Um calor imenso. Por ano passam ali 6 milhões de turistas.

O nosso grupo é composto por 26 mulheres e 12 homens. No autocarro havia quase sempre um ambiente animado e troca de informações e recordações pitorescas de outras viagens. A D. Gertrudes da agência Abreu iniciava os dias com tantas recomendações que pareciam palestras.

Seguiu-se uma volta pela cidade em autocarro. Passámos pelo Teatro de Marionetas, que apresenta óperas de Mozart como *Dom Giovanni*, e mais adiante a Academia de Música. No bairro medieval, coração comercial da cidade, pode encontra-se tudo, desde refinadas joalherias às dezenas de lojas de souvenirs: Hotel Sacher, que só vimos de fachada e a casa onde nasceu o maestro Herbert von Karajan. Fomos ver a segunda casa onde viveu a família Mozart num apartamento com cinco salas. Ali viveram vinte e seis anos. Foi ali que Wolfgang Amadeus Mozart escreveu a maior parte das suas composições. Como viajou imenso, esteve pouco tempo em casa. E finalmente diante dos nossos olhos a Residência Mozart, numa rua estreita e com a fachada pintada de amarelo marfim. Os pais de Mozart tiveram sete filhos, mas apenas Wolfgang e Maria Anna (1751-1829) sobreviveram. Ali viveu o compositor dos 15 aos 24 anos. A casa-museu exibe uma instalação encomendada ao encenador norte-americano, Bob

Wilson, que desenvolveu um espaço com jogos visuais e sonoros agradáveis. Podemos ver numa sala toda em negro com nichos com objectos pessoais, iluminados. Lá está o primeiro violino do menino-prodígio da música. Na sala ao lado vários quadros nas paredes, com gravuras da cidade pendurados de pernas para o ar. O pai, Leopoldo Mozart, colecionava instrumentos musicais que ali estavam expostos sem ordem aparente. Em destaque o piano de Mozart (disseram-nos que era o verdadeiro). Pouco tempo para ver melhor os pormenores e, numa correria, fomos visitar à igreja da Santíssima Trindade ali ao lado, perto do Rio Salza que se reúne ao rio In. A cidade velha está entre colinas. Seguiu-se a igreja dos Franciscanos. Há uma ponte principal e outras consideradas passagens pedestres. O jantar foi no restaurante K & K bastante agradável.

14/06 - Manhã. Visita ao palácio de Herrenchiessee numa ilha e passeio de barco no Lago Chiemsee. É mais um palácio de Luís, o “Rei Louco” numa homenagem a Luís XIV de França e quer ser a Versalhes austríaca. Os jardins à entrada são disso prova. As salas que visitámos são soberbas, com imenso luxo. O ouro dos adornos, as tapeçarias com bordados a prata e ouro, as flores-de-lis, parece que estamos em França. Há lustres de porcelana caprichosos nas cores, com flores que são um trabalho minucioso e belíssimo.

Almoçámos na zona. No regresso ficámos na baixa de Salzburgo, a Fátima Lencastre a Maria do Amparo, a Alice e eu. Fizemos compras numa loja que tinha à entrada “Mozart” ao piano e não deixámos de tocar “a quatro mãos” um pequeno trecho. Outros elementos do grupo aproveitaram para ver outros locais de interesse.

Seguiram-se os preparativos para a primeira noite de gala. Reunimo-nos no *hall* e toda a gente estava bonita, em trajes de soiré, para o concerto na Fortaleza Hohensalzburg.

O Sol a declinar até ao pôr-do-sol. Antes do espectáculo ali estivemos uns minutos naquelas janelas que dominam a cidade. Inesquecível. O concerto foi numa sala medieval toda revestida a madeira e com o tecto cravejado de pregos em ouro puro, formando um acolchoado. O grupo era composto por quatro instrumentistas de cordas e uma pianista. Tocaram Mozart e Dvorak, sendo uma das peças o famoso “Eine Kleine Nachtmusik” e deram um *encore*. Muito bom e muito agradável.

15/06 - Começamos o dia em **Salzkammergut**, região dos lagos. São vários lagos para apreciar e fotografar. Parámos em St. Wolfgang onde a igreja tem um tríptico que conta a vida de Nossa Senhora. Tem o



Homenagem a Mozart



Palácio de Herrenchiemsee

pavimento em madeira com embutidos. O altar é de Pacher e data de 1481.

É dia do Corpo de Deus em Portugal e nos países católicos como a Áustria. Vimos uma procissão com todas as pessoas da aldeia vestidas a rigor, à tirolesa. As senhoras mais velhas ostentam trajes com coifa dourada, vestidos compridos e os aventais debruados a rendas. A igreja de Heiligenblut tem um retábulo em tríptico e pode ser transportado, porventura nas épocas de perigo. A catedral foi construída por protestantes que em 1604 a ofereceram aos jesuítas. Almoço em Saint Wolfgang e passagem pela Estalagem do Cavalo Branco. Voltámos a Salzburgo onde jantámos do outro lado da ponte.

16/06 - Região de **Klagenfurt**. Estamos perto de Itália e da ex-Jugoslávia. Pela manhã, saída pelo vale do rio Salzach onde se iniciará a subida pela montanha mais alta da Áustria, o Grossglockner (Grande Sino.) A estrada alpina (1930 até 1935) é considerada uma das mais bonitas e impressionantes da Europa e foi feita a uma altura de 3.000 metros. A história da abertura desta estrada é impressionante. Estivemos a 3117 metros de altitude. Os Romanos referiram-se à travessia do Hochtor (2504 metros) como mais esgotante que uma guerra e os Alpes como inacessíveis. Houve aqui minas de ouro com uma longa história. O glaciar Pasterze actualmente está a perder 5 metros de altura e 20 m de longitude por ano; 95% dos glaciares alpinos poderão desaparecer

durante os próximos 80 anos, devido ao aquecimento global.

A Fonte do Dragão é o símbolo da cidade de Klagenfurt. E mais uma vez aparece uma Coluna da Peste, esta de 1680.

O jantar foi às 9 horas e depois os mais corajosos, onde me incluí, foram passear até à cidade que distava cerca de 2 quilómetros. Estivemos numa esplanada onde um ecrã gigante dava o jogo México/Angola, que acabou em empate. Dissemos adeus ao hotel Rokohof que era “roskof.”

17/06 - Viagem até **Graz** que é uma cidade universitária e tem 55 mil jovens.

Visita ao mercado local e passeio pelas ruas. Impressionam as fachadas das casas pintadas ou com decorações em relevo. A guia desta cidade chamava-se Cristina. Começámos pela igreja de Sto Veit. Ao meio-dia toca o órgão e os sinos. Quem mandou erigir a igreja foi Frederico III, casado com D. Leonor, irmã de D. Afonso V de Portugal. O retábulo da igreja é barroco, dedicado a Santo Egídio.

O *ex-libris* da cidade é a Torre do Relógio, que se vê de todo o lado e que resistiu quando toda a cidade ficou destruída pelos franceses dos exércitos de Napoleão que por ali passaram quatro vezes. Fomos, alguns do grupo, de elevador de vidro até ao ponto alto onde temos a vista de Graz das colinas de Schlossberg, ao pé da Torre do Relógio. O elevador está instalado mesmo ao lado da Coluna de Maria. Graz é surpreendente. O rio Mur nesta altura do ano

é cor de café. É uma cidade cheia de lojas de flores e muito acolhedora. Lá está a padaria, que data de 1569. Não conseguimos lugar sentados numa pastelaria para comermos os bolos típicos. Andámos a pé para sentir a cidade, que é fantástica. O campanário foi fabricado com o metal de 101 canhões turcos. Toda a história da Áustria está relacionada com os avanços e recuos dos turcos.

18/06 - Partida para **Viena**. No autocarro cumpre-se o regulamento do *roulement*, de dois em dois lugares, que por vezes faz confusão aos mais distraídos. E Portugal ganhou ao Irão 2-0 no Mundial que nos acompanha.

Fizemos uma curta paragem numa estância termal onde fomos recebidos com simpatia, bolos e chá. É uma estância de luxo entre o arvoredo num local chamado **Bad Blumau**. Depois do almoço iniciámos a visita guiada com a nova guia, a Elena. Começamos pelo bairro judeu. Viena foi o centro do poder do império Austro-Húngaro e atraiu a si os geniais compositores Mozart, Haydn, Beethoven, Schubert, Brahms, Mahler e Richard Strauss. Houve quem fosse ao Museu Albertina. Não há tempo para tudo. Os cafés e confeitarias são requintados, com empregadas fardadas com muito gosto. Viena cheira a cavalo, porque os carros de cavalos estão por todo o lado. São uma atracção.



O dilema do austríaco: loura ou morena?

NOTA CULTURAL

A guia informou que Viena tinha sido a terceira cidade a ter uma universidade na Europa (1365), depois de Praga (1348) e Cracóvia (1364). É curioso porque esta é a informação típica de quem estuda no centro da Europa e se sente no centro do mundo. Ora a verdade é que a primeira universidade europeia foi a de Bolonha em 1088, seguida da de Oxford (1096), Modena (1175), Cambridge (1209), Salamanca (1218), Montpellier (1220), Pádua (1222), Nápoles (1224), Toulouse (1229), Siena (1240), Valladolid (1241), Múrcia (1272), **Coimbra** (1290), Madrid (1293), Lérida (1300), Roma (1303), Florença (1321), Pisa (1343), Praga (1348), Pavia (1361),

Cracóvia (1364). Como podemos verificar Viena vem apenas em 22º lugar, o que faz a sua diferença! Tem-se uma emoção especial quando se transpõem as portas da catedral de Santo Estêvão, construída ao longo de séculos. A fachada ocidental é românica, a torre é gótica e os altares barrocos. O telhado é em zig-zag e o sino foi fundido com os canhões abandonados pelos turcos, em 1683. No interior um belíssimo púlpito esculpido em pedra, no ano 1500, por Antom Pilgram que tem como nota curiosa o retrato do escultor semi-escondido debaixo da escada. São importantes também as catacumbas que guardam o coração dos Habsburgo.

Aqui casou Mozart. O seu nome de baptismo foi Johannes Chrysostomus Wolfgangus Theophilus Mozart, mas escolheu ser imortalizado apenas como, Wolfgang Amadeus Mozart. Para os franceses Mozart foi Amadé, e em Itália Amadeo. Por fim escolheu a forma latina Amadeus. No registo de casamento, nesta catedral, usou, ainda, o nome "Adam" (Adão).

A história da catedral e das figuras famosas que estão relacionadas com ela não cabem neste espaço. O retábulo gótico descreve a vida da Virgem Maria.

Seguiu-se a visita ao **Palácio de Hofburg** residência de Inverno dos Habsburgo. Sissi e Francisco José deixaram aqui parte das suas vivências. Os aposentos da imperatriz são luxuosos em contraste com os do marido. Estão abertas ao público vinte salas onde se recorda a vida palaciana. O palácio é um complexo de construções de diferentes épocas e estilos. No seu interior podem admirar-se, entre outras, a famosa Escola de Equitação Espanhola e a Capela da Corte. Passámos pelos Museus de Belas Artes e Ciência Natural, pelo edifício do Parlamento, construído em estilo neo-grego. E do bus vimos o café que Freud frequentava. Impossível reter tudo o que queríamos da belíssima Viena.

Jantar e ida ao espectáculo de valsas de Strauss, ballet e canto. A soprano tinha uma bela voz.

19/06 - Passeio aos famosos bosques de Viena, pela manhã. Calor. A nova guia chamava-se Sílvia. Estamos na Baixa Áustria e seguimos para o Castelo de Lichtenstein, de uma família que teve o poder, antes dos Habsburgo. Seguimos para a abadia de Heiligenkreuz (Santa Cruz), entregue a cistercienses, vindos de França. Fundado no século XII e que mantém dessa época os vitrais. Nos claustros vimos maravilhosas peças talhadas em madeira de grandes dimensões. Um lava-pés esculpido e o grande cadeiral em madeira maciça. A biblioteca é um dos aspectos mais relevantes desta abadia. Uma pequena fonte com uma "lenda". Quem meter a mão na água casa no espaço de um ano! No autocarro era ocasião para ouvir a Valsa dos Bosques de Viena de Strauss. Também o mosteiro de **Melk** mereceu uma visita.

Outra família deixou a sua marca na história da Áustria - os Babenberg - a quem se deve este mosteiro que passou para os beneditinos. É um edifício envolto em arvoredos, com extensos corredores, austero, onde a riqueza e a música são apenas para glória de Deus como se pode ver pelo magnífico órgão e a deslumbrante igreja barroca, onde o mármore e os estuques dominam. O museu tem um Cristo em madeira do século XII e, entre outras preciosidades, a Cruz de Melk em ouro. A biblioteca justifica a visita. Faz lembrar a Biblioteca joanina da Universidade de Coimbra, mas é muito mais rica de ornamentos. Ostenta um tecto pintado onde «uma mulher segura o livro dos sete selos e o cordeiro do Apocalipse numa mão e na outra, um escudo com a pomba do Espírito Santo. À volta encontram-se as quatro virtudes cardeais: Prudência, Justiça, Fortaleza e Temperança.» Nas portas as quatro faculdades universais: Jurisprudência, Medicina, Filosofia e Teologia. A biblioteca tem 100 mil volumes, 1800 manuscritos dos séculos IX ao XVIII e 750 incunábulo. Tem vista para o Danúbio. Nada mais a acrescentar!

Visita a **Baden**. Passeio a pé para vermos a fachada da casa onde Beethoven viveu e escreveu parte da 9ª Sinfonia. No 10, Rathausgasse. Baden, mesmo sem imperadores, mantém todo o encanto e continua uma estância chique. Os eléctricos são azuis. Tem o maior casino da Europa. A Hungria está a 50 km de Viena e a Eslováquia a 40 km.

De tarde visita ao **Palácio de Schönbrunn**, que completou 300 anos. Construído no início do século XVIII somente em 1740, quando a imperatriz Maria Teresa subiu ao trono, o local ganhou pompa e circunstância. São 1.440 salas, de que visitámos apenas 40, porventura a mais espectacular seja o Salão dos Espelhos; tivemos especial atenção ao exótico Gabinete Chinês, todo laqueado e artesanalmente trabalhado. Os aposentos dos arquiducos Francisco José e Sissi. Alguém reparou que não havia retratos dos filhos, apenas dela e dele. Passámos ao Salão dos Cerimoniais, com um enorme e tutelar retrato da arquiducuesa Maria Teresa. Vimos ainda os aposentos de Napoleão, quando casou com a imperatriz Maria Luísa de Áustria. O único filho de ambos aqui morreu, jovem.

Viena é circundada pelo Ringstrasse a que demos, mais de uma vez, a volta. Os míticos bosques de Viena imortalizados por Richard Strauss. Passámos no Hotel Sacher. Alguém terá ido saborear as famosas sachertorte? Separámo-nos em grupinhos por interesses e passeámos pelo centro de Viena. Meia hora de viagem para o hotel sem ar condicionado e calor insuportável. Os tectos eram pintados e o núcleo central do hotel foi propriedade dos Habsburgo, mas nos nossos quartos o fausto do império austro-húngaro há muito se desvanecera.

Foi a esperada noite de ópera, para alguns. Passaram no hall e estavam todos vestidos de grande gala. As senhoras cada uma mais bonita, nos seus vestidos, sapatos e adereços. Porém, no regresso, a maioria não apreciou o «Moses und Aron» de Schoenberg. Disseram que era muito escura a encenação e demasiado moderna. Ópera, para a maioria, é italiana! Foi servida uma ceia só para os portugueses.

20/06 - A embaixada de Portugal é quase em frente ao edifício da ópera que foi inaugurado em 1868 e bombardeada durante a guerra, em 1945. Nova inauguração em 1955. Apenas a escadaria, o salão de chá e o foyer são da fase original. Os tectos belíssimos. O anfiteatro tem uma acústica perfeita e o palco tem capacidade para mudar seis cenários em curto espaço de tempo, tanto para ópera como para bailado. É aqui o célebre baile das debutantes no Carnaval, quando a sala é totalmente transformada, saindo a plateia, o fosso da orquestra e parte do palco que se transformam num grande salão. Para o baile o preço dos camarotes é “imoral”. Andámos na linha 4 do autocarro para o Jardim Zoológico e de Metro de regresso ao hotel. Parte do grupo foi à Cripta dos Habsburgo. Lá estava o túmulo de Sissi e Francisco José, bem como de Rudolfo, o filho morto tragicamente.

Como era o último jantar, foi escolhida uma taberna típica e coincidiu com o aniversário da Abélia. Muita animação numa sala de jantar onde cada mesa tinha turistas de uma determinada nacionalidade. Os italianos, os japoneses, espanhóis e os portugueses que éramos nós. Foi uma noite animadíssima onde a Fátima Lencastre mostrou os seus dotes de bailarina de flamenco, de tal modo que deixou os estudantes espanhóis a aprenderem a dançar com ela. Cantámos imensas canções populares, como já os italianos tinham feito. Os japoneses acabaram por se descontraírem connosco. Houve *champagne* oferecido pelo casal Carlos Paquim Alice, bolo de aniversário com velas e prenda. Discursos e lágrimas. Não podia ter terminado melhor este passeio onde toda a gente estava alegre e divertida. Ninguém se queria deitar.

21/06 - Depois das malas feitas fomos, em pequenos grupos, aos jardins de Schonbrunn mesmo em frente do Hotel. O último passeio, muito relaxante, e para acabar com as fotografias, para quem ainda usa rolos. Duas horas de prazer. Os roseirais são de todas as cores.

Às 17 horas fomos para o aeroporto. Chegada a Lisboa perto da meia-noite. Despedidas rápidas e as últimas trocas de moradas, telefones e e-mails. Uma bela viagem, que foi o meu debute em viagens de grupo e como cronista.

Luisa de Paiva Boléo

OS NOSSOS PASSEIOS

Cá Dentro

I - PASSEIO DA PRIMAVERA “S. PEDRO DO SUL, VOUZELA, SERRAS DO CARAMULO E S. MACÁRIO”

de 22 a 25 de Abril de 2006

Dão Lafões

O tipicismo nacional, a tradição, o progresso

Desta vez, o **Passeio de Primavera** era mesmo o que a minha alma estava apetecendo. Alinhei, pois... e lá vou eu, trouxas às costas, por aí abaixo, ao encontro da “malta”. *Carpe diem*... O resto que espere.

Era o tempo da frol, dionisíaco, que mo pedia que Abril era e o humano plurícromo gentil da nossa Associação, que, sortilegamente, nestas andanças, consegue juntar três (ou quatro!...) gerações, congraçadas em idênticos anseios de partida e de jornada. E eu, há muito já, sinto-me bem nesta Família.

Encontro-os às 13h20, na Mealhada, para almoçarmos juntos, no simpático Restaurante O Painel, que sabe acolher-nos com um Sr. Leitão Cinco Estrelas e a pinga adequada das boas cepas da região. E sempre entre gestos de gentileza e eficiência. Recebem-me os caros Colegas com quentes olás e sorrisos que me enternecem e me lembram notáveis e únicos efe-erre-ás. Sorrio, também, agradecida.

DA PAISAGEM:

Depois de assim confortados, corpo e alma, lá seguimos pela rota de Viseu - ou de Viriato - com o olhar, de quando em quando, consternado, vislumbrando, aqui e além, as miserandas ossaturas calcinadas das árvores que a sanha dos incendiários tinha tornado defuntas.

Diáfano é o ar e confortada vai a alma dos passeantes... em amena e familiar conversação.

As pequenas aldeias do interior, perfumadas do húmus primaveril, iam-se-nos mostrando, ora em casas novas, modestas, mas de bom gosto (que a emigração, por certo, agenciou), ora em muros cor de ferrugem de moradias antigas, entristecidas de abandono, pela galvanização da novidade, em usos e costumes, de exigência... outra...

E, assim, nos fomos deparando, ora com a nefasta

(em nosso entender) imensidade dos forasteiros eucaliptais... ora com o alegre serpentear de pequenos e límpidos ribeiros, ora com o pitoresco fúnebre, mas sempre abundantemente florido, dos pequenos cemitérios das aldeias, Etc... etc...

E **S. Pedro do Sul** oferece-se, num franco sorriso, que outro exigia, em amena e fraterna saudação. Não tardamos a chegar ao miolo urbano, por entre espaços de flores e hortas aprazíveis de abundância (sugestão de vidas amenas e tranquilas reinos de paz e de amor à terra!).

Oh!... como tudo isto me traz à memória o bucolismo das bem inspiradas quintilhas de Sá de Miranda, também ele nosso confrade de Coimbra, ali formado Doutor de Leis, há mais de quinhentos anos:

Oh! vida dos lavradores,
Se eles conhecessem bem
As *vantajas* que têm...
Co' aqueles santos suores
Que a si e ó mundo mantêm!

Privados da madre antiga,
Que, de quanto em si recebe,
- Não entre engano ou má liga -
Singelamente se obriga,
A pagar mais que o que deve.

E chegados somos já às Termas de S. Pedro do Sul, agora Balneário da Rainha D. Amélia.

Ali, aprazivelmente, os nobres anfitriões (também Antigos Estudantes de Coimbra) já nos esperavam...E, agora, com agrado, nos saudavam. E, enquanto tal, dos pequenos cafés circundantes, os autóctones - e banhistas, por certo - dirigiam-nos gentis sorrisos - como delicados cumprimentos de boas-vindas.

Cabe ao Sr. Dr. Victor Leal a incumbência da primeira saudação e das directrizes da apetecida visita cultural. E fê-lo com a maior das simpatias e competência.

Ali, com oportuno pormenor, nos foram diligenciadas informações sobre os aposentos, as terapias e respectivos utensílios (os antigos - e já peças museológicas - e os modernos), com as melhores elucidações quanto ao seu uso, no como, no quando, no porquê, no onde... etc, etc... E, também, a história do edifício e as gentes ilustres que ali buscaram, ao longo dos tempos, saúde física e moral. Notáveis foram, ainda, as informações quanto ao teor mineralógico das águas e da sua circunstancial aplicação - as tais “Águas Mágicas”, como muitos, com propriedade, as designam. Foi notável e inesquecível lição que todos muito agradeceram.

Depois, já no exterior, foram umas poucas dezenas de metros lineares subidos... e ali estávamos todos, bem

atentos, junto do Caldário das águas cálidas ou caldas ou quentes - cujo alto teor sulfuroso, já de longe, a nossa pituitária, pelo ar, adivinhava.

Ei-las, ali, a jorrar, à ordem do Sábio Eterno, há tantos milhares de anos!...levando a cura a tanto sofrimento humano.

Mas, como muito bem referiu o nosso gentil e esclarecido anfitrião, tal cura não seria possível sem o complemento dos benefícios dum viver tranquilo, em plena natureza essa Madre Antiga, hoje tão desprezada ou em tratos de polé, por insensatez ou ganância.

Depois do percurso pedonal, aprazível - e ainda empenhadamente cultural - pela amena e gentil cidade, acolhemo-nos ao familiar e bem aprazível Hotel do Parque, onde, ao longo das horas nocturnas que lá passámos - amenos jantares e serões - houve espaço alegre de convívio e bailação, cada qual meneando o corpo, como melhor podia e sabia, pelos ritmos da música, quer tradicional e folclórica quer dos belos tempos do romantismo, que o bisturi da era frenética não consegue aniquilar. E eternos hão-de ser sempre: o tango, ora terno ora agressivo, imbuído do belo sorriso de Gardel; e a valsa terrena e etérea do genial Strauss. E, então - porque não? - o quente e lascivo tropical do salsa e merengue? Ali, na verdade, não houve coxos; antes, pelo contrário, tudo foi boa forma e juventude!

Dia 23...

São já dez horas, aprazivelmente matutinas.

Ala...Partida para o **Caramulo** que já a manhã vai a meio e, por ali, também há muito que ver e que recordar!...

E, eis-nos, já, num centro urbano asseado, profusa e sadiamente vegetal, com proteicas árvores e bem estruturados jardins floridos sazonalmente...

Terra acolhedora, generosa e humanitária que,

durante muitas décadas, foi pólo sanitário do País inteiro, aplacando chiadeiras cruéis de pulmões doentes! Nós te saudamos e bendizemos, Caramulo. Lá estavam, ainda, confrontando-se, sem nenhuma mesquinha rivalidade, o velho e o novo Sanatórios, entre tufos saudáveis de vegetação., como livros abertos ao curioso visitante.

Depois, ainda, a simpatia da terra disponibilizou-nos guias gentis e esclarecidos, com os quais escalámos altitudes, a procurar a melhor varanda, sobre o belo painel terrestre, ainda a descobrir: A serra espraia-se por uns quarenta quilómetros quadrados, a mil metros de altitude.

E eis a nova meta procurada:

A nossos pés, espraia-se esse imenso e único **Vale de Besteiros**, despido de toda a prosápia citadina, com suas tipicíssimas aldeias, de graciosas pequenas casas, quais irmãs gémeas, amplamente semeadas em harmonia.

Aqui e além, enegrecidas e rapadas colinas afloram granitos e recortam, no azul celeste, o perfil moderno das espátulas da energia eólica.

E já alguém anuncia, vislumbrando lá no fundo, o corpo austero da Serra da Estrela.

Descemos. E, agora, já somos encaminhados para novos espaços urbanos, onde vamos poder admirar o curiosíssimo Museu do Automóvel e o requintado Museu de Arte; e ainda a Igreja Românica, que data do Séc. XIII.

Dia 24 de Abril

Hotel do Parque:

Da varanda do meu quarto aspiro, gostosamente, a saúde deste matutino ar...E, mentalmente, comento a harmonia saudável da terra habitada e da paisagem. Pulcridade serena! Ainda, S. Pedro do Sul...a terra à minha medida.



Mas chamam-me, agora, e já me retiram deste devaneio humano e bucólico, os meus companheiros de jornada.

Vamos já para **Vouzela**. São dez horas desta manhã de bom agouro.

Logo, na hora aprazada, lá nos será servido o mais autêntico cozido à portuguesa. Nada de importação ou sofisticado; tudo ali, diligentemente, produzido.

Vouzela, terra perfumada e colorida de vegetação... Menina... gentil... arrumadinha... Moderna e antiga. Zelosa da sua ancestral História.

Coroam-na como rainha essas irmãs bem dadas que são as serras da Gralheira, da Arada, de S. Macário, que guardam, no sacrário do seu existir, mil lendas e mistérios.

Vouzela são duzentos quilómetros quadrados de terra honradamente habitada, engalanada de paisagens surpreendentes, em cor e perfume de aloendros.

No cartaz da nossa visita, estavam anunciadas as várias etapas e atracções:

O Miradouro do Monte da Sr.^a do Castelo (para onde subimos pitorescamente e entre risos de prazer, no carrinho polícromo e articulado de várias carruagens), a Ponte Romana, a Capela de S. Frei Gil, etc.

Vamos, então, atravessar, calmamente, a povoação: O livro abre-se... E lá está a Fonte do Infante D. Luís, filho bastardo de Rei, que, no séc. XVI, fez seus estudos universitários, no ancestral Convento da Costa, em Guimarães; lá está a vetusta casa desse medievo S. Frei Gil, que Almeida Garrett se encarrega de imortalizar em suas obras literárias; eis ainda, no solar setecentista, o brasão picado dos Távoras, esses mártires da sanha pombalina. E essa originalíssima Igreja Matriz, que começa a erguer-se na paisagem bucólica no século XI, com a graça e a originalidade de ostentar, separadamente, a torre sineira.

Todos os visitantes recordam, por certo, e agradecem os magníficos ensinamentos da gentil e bem esclarecida Vereadora da Cultura, tão à altura do seu múnus, o que, em terra tão abastada de História, não é de fácil consecução.

Tudo nos pede revisitação.

Voltaremos, já não de comboio, que, esse passou por ali, em 1913... e parou; mas sim, por essas já modernas estradas, ladeadas de natureza, de genuíno e de Humanidade.

E vamos agora subir a Serra de S. Macário... donde nos achegaremos à curiosa e funda Aldeia da Pena., fundada por um só homem - um pobre condenado a degredo!

Ah!... mas a bela serra de S. Macário não é agora senão um carvão horrível, saído de criminosas mãos!... Constrange! Louvores à vizinha Espanha, que, fraternamente, se empenhou na reflorestação. E haverá, pois, novamente, esse perfume de flores de verde pinho, quando, um dia, lá voltarmos.

E, então, talvez possamos visitar o curioso e

substancial Museu Maria da Fontinha, (já de nome internacional), o que, desta feita, não foi possível.

E, eis-nos já em **Carvalhais**... que não «será para nunca mais» ...

Aprazível recepção. Austera e digna, a terra busca antigas relíquias de que muito justamente se orgulha. Marco é gentil. Jovem desenvolvido, sabe o que nos mostra e o que diz. Tem a sensibilidade que as relíquias do passado merecem e exigem: inteligência e respeitoso culto.

Também aí a natureza apetece e dá-se:

A mata imensa - e respeitada - de árvores e fectos, teimosos em busca da vida e do alto, por entre pedras esboroadas no tempo.

A cachoeira, descendo em busca dum sereno leito, já alicia os nossos ouvidos, cansados das buzinas da cidade. Puríssima e fresca, é apeteçada água, que garrafa alguma oprime ou envelhece.

Descemos já nossos olhares curiosos aos moínhos ancestrais. Agora recuperados e entregues aos seus antigos donos, agradecem-lhes, cantando, de passagem, a sua recuperada juventude. E cada um parece ufanar-se de ter um nome próprio e de utilmente trabalhar - raridade apreciável.

E toda esta realidade, que parecia estar perdida, alicia e volta a apetercer!

Como por milagre destas antiguidades voltarem a ter rosto, Carvalhais remoça e impõe-se, cívica e útil...

E tem museus, ufanos de guardar, de salvar das fauces ávidas do tempo e de mostrar agora tais relíquias, feitas livros de nobreza e oportunidade, esses objectos raros, manuais e sábios. E tem universidade... e residência universitária, em função destas antiguidades, novidades renascidas, cuja memória urge preservar, em função duma humanidade global. Perspectivas nobres e sensatas.

Curto foi o passeio de charrette; mas nem por isso perdeu o seu pitoresco, com as éguas elegantes e luzidias, rodando a escassa rotunda, trauteando ao ritmo da alegria da gente. Ser criança, de vez em quando, é também uma forma de inteligência que reforça o gosto de viver.

Eram horas da refeição do meio; que a tarde já ía em quase duas horas.

Entrámos no pequeno Restaurante familiar. O serviço foi bem prestado e apreciado com boa nota.

E, agora, tempo é de voltar aos quefazeres que nos esperam no ponto de partida. E, então, já descemos para a Capital do Reino. Mas, ainda connosco, ia o fulgor da satisfação que aqueles bem geridos dias nos tinham proporcionado. Por isso, dentro dos escassos metros cúbicos da máquina rolante, ainda houve fulgor de cantigas, poesia e graça. Quase anoitecia quando chegámos.

Parabéns, Direcção! E obrigada.

Quando voltamos?

Maria da Conceição Campos

JANTAR/CONFERÊNCIA – 19 DE MAIO DE 2006

Sobre “A Importância da Portugalidade na Cooperação com África”

Foi com surpresa e agrado que os 50 convivas, após suculento jantar na Associação Nacional das Farmácias e uma visita ao seu Museu, ouviram um ilustre Deputado da Nação (Grupo Parlamentar do PS) falar sobre este tema com tamanhos desassombro (doesse a quem doesse...) e culto pela verdade histórica e contemporânea. Fê-lo deste modo:

“A recente visita do primeiro-ministro José Sócrates a Angola veio, finalmente, trazer algo de novo no que se relaciona com a cooperação de Portugal com os PALOP’s e, em particular, com os angolanos.

Portugal tem um papel fundamental a desempenhar ao nível da cooperação com África e em especial com os países lusófonos. Não só porque tem uma História riquíssima, como também há outra realidade indesmentível: os povos desses países gostam dos portugueses, falam com os portugueses, convivem com os portugueses - e sabem que o único povo do mundo que capaz de viver ao lado deles é o português. Hoje, a África é aquilo que resta à Europa como espaço vital da sua ocidentalidade. E a portugalidade que sempre detivemos continua a fazer falta. Fui cooperante em Angola nos de 1980 a 82, a maior parte do tempo em Cabinda. Fui professor de Português no antigo Liceu de Cabinda. Éramos cinco professores, oriundos expressamente de Portugal para dar aulas de Português, na fase de mais acesa cooperação com Angola por parte do Estado português e de Organizações Não Governamentais (ONG’s). Nessa altura, chegamos a ser cerca de 350 professores nas diversas capitais de província. Era um tempo muito difícil, porque estava-se em plena guerra fria. Havia já em Angola perto de 200 mil cubanos, além de muitos milhares de soviéticos e de cidadãos de Leste. O comunismo estava perfeitamente implantado em Angola na sua expressão mais soviética. E tudo aquilo que podia ser a capacidade de criação das pessoas, o seu passado de inter-ligação com outros povos (nomeadamente os portugueses), foi destruído em nome de uma utopia totalitária, que pura e simplesmente não funcionava. O clima era tropical, obviamente. Começávamos as aulas às seis da manhã, parávamos às 11, voltávamos às seis da. Muitas vezes chegávamos ao hotel e não havia nada para comer. Havia dias em que comíamos 20 e 30 bananas. E outras vezes apenas leite em pó misturado com água. Apesar disto, mantivemos sempre uma relação muito boa, muito sadia, com a população de Cabinda.

Cumpri (ao contrário de outros) o contrato até ao fim. E a partir daí pode dizer-se que acabou verdadeiramente a cooperação com Angola. Já lá vão 25 anos sem cooperação em aspectos fundamentais. Ora, houve muitos destes cooperantes que não aguentaram o tempo todo. E porquê? Porque não iam devidamente preparados. A África tem de ser vivida

com todas as suas belezas e defeitos. O tempo em África é fantástico, a beleza é fantástica, o infinito é fantástico, até mesmo a relação com as pessoas é fantástica. E é isso que é preciso saber viver. Quem quiser fazer experiências diferentes, quem quiser ter outra visão do mundo, quem quiser ajudar Portugal implantando o Português e servindo de ponte aos negócios, para intercâmbio, para desenvolver a portugalidade que hoje se transmite através da língua portuguesa, obviamente que deve seguir o caminho da cooperação. Agora, terminada a guerra, este caminho deve ser relançado.

A história de Portugal nas suas relações com os países lusófonos é muito complexa mas ao mesmo tempo lisonjeadora. Os portugueses desempenharam sempre na relação com os povos africanos um papel que nenhum outro povo teve. Fomos os que nos fixámos mais em África, nomeadamente em Angola e em Moçambique; os que vivemos com os africanos no interior sem nunca instituímos um regime racista; os aqueles que, por exemplo no início dos anos 60, estávamos no Zaire em grande força, com cerca de 25 mil comerciantes portugueses, que acabaram por ser expulsos por força do golpe de direita de Mobutu, sendo recambiados para Angola onde reforçaram os circuitos de comércio. E foi o português que, na perspectiva de melhorar a vida, se meteu no interior de Angola, constituiu colunatos para onde transferiu, afinal, a portugalidade..

Ora, para defender uma sociedade miscigenada e multicultural, a Europa tem de regressar a África. Os países que deram a língua à África foram os que hoje pertencem à União Europeia, que criaram o mapa africano - e são os países que, apesar de tudo, continuam a ajudar mais a África.

Dir-se-á que a Europa está com menos gente, que está a envelhecer. Ora, a Europa tem 20 milhões de desempregados que seriam muito úteis em África. Temos que ser capazes de fazer esta circulação. Por outro lado, a Europa tem perdido grande parte do seu espaço vital. Os Estados Unidos como grande potência têm ocupado grande parte desse espaço, o mesmo acontecendo com as potências asiáticas, nomeadamente a China e a Índia.

Temos, pois, uma certeza: a Europa só foi grande quando se ligou aos outros continentes e quando foi o centro do mundo. E a Europa, hoje, arrisca-se a deixar de ser o centro do mundo e a ser apenas um apêndice do mundo

Repetindo: Portugal tem um papel fundamental a desempenhar neste aspecto. A portugalidade continua a ser um dos nossos maiores trunfos.

Ricardo Gonçalves”

OS NOSSOS POETAS

Maria da Conceição (Correia Marques) **Campos**; nasce em Valença do Minho e andou por Coimbra de 1964 a 1970 quando defendeu Tese de Licenciatura Brasileira; Escritora de Ensaios, Poesia, Narrativa Curta, Literatura Infanto-Juvenil, Crónica Jornalística, desde 1987, e ainda Congressista, Jornalista e Professora (desde Educação de Infância até ao Ensino Universitário). Redige agora Tese de Doutoramento, na Faculdade de Letras, da Universidade de Santiago de Compostela, na Galiza. Seu desejo supremo: a SOLIDARIEDADE.

COMO SETE PÉTALAS CAÍDAS

a minha Páscoa tão branca
minha Páscoa florida
foi minha roupa de noiva
bordada com minha vida

escombros dos doces tempos
páscoa dos meus vinte anos
tantos sóis que me escondiam
o que hoje são desenganos

equipei-me para a viagem
subi o monte para a festa
hoje desço... E no meu saco
só pedras! é o que me resta

já não tenho pai nem mãe
e os meus meninos morreram
e a minha morena trança?
o que foi que lhe fizeram?

onde só via papoilas
crescem goivos, roxos lírios
e sobre os quentes abraços
nascem saudades mártírios

Páscoa amena jovial
trança do meu cabelinho
meus negros olhos de moura
meu amor tão redondinho
festa alegre! Páscoa branca
com tantos sonhos casada
hoje não é Páscoa branca
não é festa! não é nada!

FOME

Fome eterna de tudo
Dói-me

Trago-a na vida
na alma subnutrida
nos passos galgados
suados
nas alamedas suas

Fome de toda a comida
árvores despidas
searas nuas

Fome de que se morre
fome de que se vive
fome por que se mata
Fome do tempo

e fome do espaço
fome da voz amiga
e fome do abraço

Fome tormento
fome de asa e fome de formiga
Fome dos outros
maior do que a minha
fome do bicho que há muito não come
- Ah!... a fome alucinada na esfera dum só grão
a fome do meu irmão
ferida que dói em cada dentada do meu pão...

Fome... fome... fome...
fome em que digo fome
e me nego e me anulo
nos gritos de fome ao longe e ao perto...

Ah! A fome dos meninos no deserto,
onde o Missionário de fome também morre.

Ah!... esta fome de tanto se correr
E morrer farto

E esta fome minha no celeiro vazio das palavras...

ABRAÇO

por esta luz
que a própria chuva trouxe
por este sol pousada em nossos corpos

por este porto onde ambos ancorámos
do mesmo luar entontecidos
de tanto nos termos partilhado
sem que uma folha só bulisse
ou zumbisse o mais ínfimo insecto

por ambos termos estado
como a abelha e a flor

obrigada
amor
por me teres feito rio
e tu seres barco

faz nosso todo o tempo
sem chuva
sem noite
sem vento
sem cansaço

sem tempo meu amor
no nosso abraço
no nosso tempo

Maria da Conceição Campos

CONVERSAS MENSAIS

1º Semestre de 2006

79ª Conversa - (8 Fevereiro) - Recomeçamos as “Conversas” com a já habitual “**Vem Dizer da Tua Justiça**”. A ela já se referiu a nossa Presidente na Circular nº 2/2006.

80ª Conversa - (29 Março) - “**Estatuto e Projecção da Língua Portuguesa no Mundo**”, por Francisco Ramos.

Já tínhamos tido o prazer de ouvir o Dr. Francisco Ramos quando nos encantou com a sua interessante análise sobre a iconografia dos túmulos de D. Pedro e D. Inês.

Quanto ao tema agora apresentado, ninguém o poderia fazer melhor do que quem já pertenceu ao Instituto de Camões.

E, muito sumariamente, destacamos da sua interessante exposição, algumas das suas afirmações. A língua portuguesa está classificada entre as línguas mais faladas no mundo. É curiosamente uma das que tem mais “blogs” na Internet. No entanto da parte das Organizações Internacionais, poucos são os “sites” em português.

Falta uma política da língua, da parte das nossas Entidades Oficiais. Tem havido um inexplicável desinteresse na reivindicação da utilização da língua portuguesa nas Organizações e Conferências Internacionais.

A Espanha tem feito, e faz, continuamente uma boa política da sua língua. Todos os anos há Conferências Ibero-Americanas.

A França também exerce uma política rigorosa sobre a língua francesa.

Entre nós, até a existência de uma legislação eficaz e seu cumprimento sobre a língua e a sua utilização é nula. A publicidade no sector da restauração, na música, etc., são disso uma lamentável prova. Há, curiosamente, mais legislação sobre o “mirandês” do que sobre o idioma português nacional.

A quantificação de quantos no mundo falam a nossa língua, feita por Organismos Internacionais especializados para isso, continua a apresentar erros e números diferentes de Organismo para Organismo. Há que saber quantificar. Há que alertar os responsáveis nacionais para isso.

Apelou à responsabilidade de todos nós na defesa da língua portuguesa, dentro das possibilidades de cada um. Devemos considerar isso como um dever cívico. Ofereceu e pediu a colaboração de todos para essa luta, através do seu contacto: Observatório da Língua Portuguesa, na Internet - www.observatoriolp.com ou do seu correio electrónico - fmramos@observatoriolp.com -.

Foi muito positivo o interesse que despertou nos que o ouviram. Várias foram as intervenções.

81ª Conversa - (19 Abril) - “**Figuras de Coimbra: Pantaleão**”, por Augusto Carmona da Mota.

O autor desta “Conversa”, Eng. Augusto Carmona da Mota, filho do Dr. Henrique Pereira da Mota, começou por lhe traçar o perfil como Pai e como Chefe duma família numerosa (8 filhos), que educou e dirigiu com carinho, disciplina e benevolência...

Referiu-se a vários episódios da sua infância e juventude, comprovativos disso mesmo.

Henrique Pereira da Mota, por alcunha, o Pantaleão, formou-se em Medicina e pertenceu à “**Real República Ribatejana**”, da qual fôí fundador e primeiro Presidente. Esta República foi, na sua época, grande animadora da vida académica coimbrã, para o que concorreu também ter sido durante alguns anos, o local de redacção e administração do jornal humorístico “**O Poney**”, cujo 1.º número é de 5 de Dezembro de 1929. Teve como “Director, Editor e Pai”, o célebre Castelão de Almeida, muito amigo de Pantaleão, sendo este “Redactor e Padrinho” do mesmo jornal.

Interveio sempre com humor e espírito académico em vários acontecimentos da irrequieta, turbulenta e irreverente Academia de então que ficaram para a História da mesma, tais como: a greve aos cinemas “**Avenida**” e “**Tivoli**”, motivada pelo aumento do preço dos bilhetes, seguida do respectivo enterro dos cinemas; o “casamento” do Nunes, de Ranhados, e em outros cortejos de “protesto” humorísticos e satíricos. A publicação do livro “**As Praxes Académicas de Coimbra**”, em que foram codificadas as várias Praxes existentes, foi realizado com a sua colaboração e incentivo.

Mais tarde, em 1977, foi criado o Conselho de Veteranos dos Antigos Estudantes de Coimbra e para ser o primeiro Dux, foi convidado o Dr. Henrique Pereira da Mota (Pantaleão), essa figura para sempre mítica da Academia de Coimbra.

Carmona da Mota, muito aplaudido, no final, teve a ouvi-lo, além dos assistentes habituais às “Conversas”, alguns dos seus irmãos, colegas da Faculdade de Ciências e da “**República - Os Tesos**” que fundaram na cidade do Porto, para onde, nessa época, tinham de emigrar os estudantes de Engenharia, após os 3 anos Preparatórios feitos em Coimbra.

82ª Conversa - (19 Maio) - “**Antero de Quental Estudante de Coimbra**”, por Ana Maria de Almeida.

O nosso Assessor Cultural Dr. Eduíno de Jesus fez a apresentação da conferencista que nos falou de Antero de Quental como estudante de Coimbra, onde a sua grande sensibilidade e talento não lhe tornaram a vida fácil. Também não foi fácil a sua adaptação à cidade e à sua turbulência estudantil. Nascido em Ponta Delgada veio para Coimbra onde se matriculou em Direito. Aí não é bem tratado. Foi preso, acusado de bater em caloiros, quando era ainda caloiro. É acusado de vários distúrbios na cidade e inventaram-se histórias sem fundamento sobre o seu ateísmo. Antero, pelo contrário, foi sempre um crente, mesmo em alturas de maior confusão mística.

Acusaram-no de falta de patriotismo porque se apresentou como socialista e federalista, mas amava a sua Pátria como ninguém.

Além de um grande poeta, escrevia muito bem, mesmo as sátiras que dirigia aos seus adversários.

Ana de Almeida referiu-se ainda à “Questão Coimbrã” célebre polémica literária que ele próprio despoletou e em que se envolveram nomes como Feliciano de Castilho, Pinheiro Chagas, Camilo, Ramalho Órtigão, Teófilo Braga e outros. A amizade

com Oliveira Martins foi preciosa para ele, como preciosas são as cartas que lhe escreveu.

As suas crónicas sobre Coimbra são curiosas e admiráveis, embora, disse, a cidade esquecesse esse grande vulto da nossa literatura, pois nem uma estátua dele há na cidade!

Terminou com a leitura de poemas belíssimos do Autor, de carácter autobiográfico.

Isabel Alexandre

VISITAS LOCAIS

- I – À EXPOSIÇÃO “COLEÇÕES DOS MUSEUS DE PRAGA” NA FUNDAÇÃO RICARDO ESPÍRITO SANTO, 16 DE JANEIRO DE 2006
- II – AO MUSEU RAFAEL BORDALO PINHEIRO, 14 DE FEVEREIRO DE 2006
- III – AO MUSEU DE ETNOLOGIA E EXPOSIÇÃO “MÁSCARAS DO MALI”, 14 DE MARÇO DE 2006

- IV – À EXPOSIÇÃO “FRIDA KAHLO” E AO “ESPAÇOS” DO CENTRO CULTURAL DE BELÉM, 11 DE ABRIL DE 2006
- V – AO MUSEU DO CENTRO CIENTÍFICO E CULTURAL DE MACAU E À EXPOSIÇÃO “O CHÁ DA CHINA”, 9 DE MAIO DE 2006
- VI – AO MUSEU MAÇÓNICO, 27 DE JUNHO DE 2006

No 1º semestre de 2006 realizaram-se visitas não só a Museus, como também a Exposições Temporárias de grande qualidade, que muito agradaram aos Colegas que nos acompanharam.

Em Janeiro visitámos, na Fundação Ricardo Espírito Santo, a exposição “Coleções dos Museus de Praga” onde a Arte Nova pontificava.

O Museu Rafael Bordalo Pinheiro, recentemente reaberto e totalmente remodelado, foi visitado em Fevereiro, e em Março foi a vez do Museu de Etnologia, onde vimos as reservas do museu, bem como a exposição “Máscaras do Mali”.

No mês de Abril, além dos “Espaços do Centro Cultural de Belém”, visitámos a exposição “Frida Kahlo”, com um guia excelente que nos ajudou a acompanhar melhor a pintora.

O Museu do Centro Científico e Cultural de Macau foi o destino de Maio; a visita ao Museu e à exposição “O Chá da China” agradaram imenso aos Colegas e foi o ponto de partida para uma tese de mestrado! Guiou-nos a Dr.ª Paula Fernandes, licenciada em História de Arte a fazer mestrado; como se estabeleceu forte empatia entre ela e o nosso grupo, daí pensar fazer a sua dissertação sobre a relação dos Museus com um grupo sénior, o da nossa Associação, foi um passo. Todos gostaram da ideia e aí termos o nosso grupo a entrar, de forma indirecta, novamente na Universidade. É em Lisboa, mas nem tudo é perfeito...

A visita de Junho, ao Museu Maçónico, com explicações muito detalhadas do seu Director, permitiram-nos um melhor conhecimento da Maçonaria.

Encerrámos assim o semestre, e com muito agrado verificámos que o número de Colegas que nos acompanham por vezes excede bastante o número máximo imposto pelos museus, o que obriga a alguma negociação, mas nos motiva a continuar com mais visitas.

Apareçam sempre!

Maria Claudina Castel-Branco

NOVOS SÓCIOS ADMITIDOS...

...em 2006 (até Junho) foram:

Dr.ª Maria Nazaré Andrade Figueiredo Vasconcelos, Sócio 1214;

Dr.ª Maria Elvira Mota Pimentel de Sousa, Sócio 1215;

Dr.ª Maria Manuela Bordalo Lopes Pombo e Costa, Sócio 1216;

Dr. Mário Fernando Pombo e Costa, Sócio 1217;

Dr.ª Maria Luísa Vicente da Fonte Falcão, Sócio 1218;

Dr.ª Maria de Lurdes Borges Póvoa Pombo e Costa, Sócio 1219;

Dr.ª Paula Cristina Ventura Coelho Vieira Alves, Sócio 1220;

Eng. Augusto Licínio Carmona da Mota, Sócio 1221;

Dr. Luís Jorge Rebelo Pereira, Sócio 1222

e

Dr.ª Maria Antonieta Bernardo Marques, Sócio 1223.

IN MEMORIAM...

Deixaram-nos...

... no segundo Semestre de 2006, deixaram-nos:

♣ Dr. Rui Alberto Coimbra Fernandes, Sócio 567
- em 27 de Janeiro;

♣ Dr. Jorge Alberto Ferreira dos Santos, Sócio 3
- em 23 de Março;

♣ Eng. Carlos Almiro Melo Menezes e Castro,
Sócio 292 em 1 de Abril;

♣ Eng. João Augusto Marcos da Silva,
Sócio 1149 em 10 de Junho.

Que descansem em Paz!

NOTICIÁRIO

I - CHÁ DOS REIS

A Filantrópica promoveu este encontro com toda a fraternidade natalícia, tendo reunido 67 Sócios e Familiares no restaurante “Mexicana” para trocarmos entre si votos de felicidades, saúde e Amor para o Ano de 2007.

II - JANTARES MENSAIS

Continuando a corresponder às preferências dos Sócios, o jantar na “Valenciana” teve lugar em 4 dos 6 meses deste 1º semestre: Fevereiro, Março, Maio e Junho, sempre animados independentemente do número de convivas (oscilando entre os 25 e os 45) e primando por oferecer as mais diversas surpresas lúdicas e culturais.

E quem fica a ganhar mais são os aniversariantes desse mês que estão presentes:



Aniversariantes de Fevereiro



Aniversariantes de Março



Aniversariantes de Maio



Aniversariantes de Junho

III - FOLIA DO CARNAVAL

Regressámos ao *Altis Park Hotel*, mais acolhedor e prestando serviços com uma excelente relação preço/qualidade; mas não prescindimos, já se sabe, da “*Orquestra Lorenzo’s Combo*”, que de há longos anos (14, 16?) tanto tem contribuído para manter a juventude dos foliões, neste ano em número de 78. Neste ano, a folia apresentou-se com uma configuração, masculina e feminina, egípcia (trajes trazidos do Passeio ao Egipto) conforme prova junta:



Como sempre, os aniversariantes presentes fazem o papel de “patinhos” ao tentarem trincar o 1º bolo de aniversário... Ora vejam:



IV – SARAU “DE GOA A COIMBRA”

Por iniciativa da *Associação Cultural dos Amigos de Goa, Damão e Diu*, sediada em Coimbra, realizou-se nesta cidade, no *Teatro Gil Vicente* e no dia 25 de Março, um espectáculo comemorativo do 10º Aniversário daquela Associação, com um programa que reproduziu quase integralmente o da Noite de Gala “*De Goa a Coimbra*” apresentado na Aula Magna, em Outubro de 2005, pela *Casa de Goa em Lisboa* e pela nossa Associação.

Tanto o Grupo EKVÂT como a participação da nossa Associação - momento de poesia pelo Carlos Carranca, guitarradas pelo Jorge Tuna e Durval Moreirinhas e Serenata de Coimbra pelo "Grupo Porta Férrea" - mereceram, de novo, vibrantes aplausos da assistência.

V – ENCONTRO DOS CHILENOS / "RAPA NUIS"/ ARGENTINA

Foi um nunca acabar de expressões "viagem fantástica, inigualável", "quero ir passar férias à Ilha da Páscoa" e outras que ressaltam da descrição atrás feita deste memorável passeio, muito tendo ficado por exprimir nas recordações que todos trocaram ao ver o vídeo e ao admirar as fotos expostas.

Depois... para surpresa mesmo de todos, irrompe-nos porta adentro o guia argentino, o Adriano, que "dilatou" as suas férias em Portugal para dar e receber abraços de carinho e apreço pela sua competência e dedicação ao nosso grupo viajante.

As fotos que mais se aproximaram da deslumbrante realidade mereceram os habituais prémios, tendo o Iria Revez arrecadado o 1.º.

E a surpresa foi a brilhante representação de "A Aldeia e a Cidade" pela Pitty e pela Nela Costa, respectivamente.



VI – FESTA DOS SANTOS POPULARES

Dia 25 de Junho

Excedeu todas as expectativas dos 95 participantes e da própria Direcção, que tudo fez para oferecer o máximo pelo preço... mínimo, na **Quinta de Santo António da Barôta** (em Massamá), com jardins paradisíacos e coretos, onde foram servidos os aperitivos; confortável sala de jantar, onde saboreámos um excelente almoço típico; e um enorme salão, onde, ao som de música variada, todos dançaram animadamente.

A foto abaixo fala por si.

Mas não diz o "sofrimento" do qualificado Júri, que passou horas a escalpelizar as 53 quadras concorrentes ao "Concurso de Quadras dos Santos Populares", sob o mote "Ó meu rico S. João", imposto pela nossa querida Isabel I (Isabel Alexandre), que reinou em toda a Festa com a sua habitual vivacidade.



Ei-las:

1º Prémio

*A vida será catita
Oh! Meu rico S. João
Se a cachopa mais bonita,
Me der o seu coração!*
"Mr. Street"
- Fernando Ruas

3º Prémio

*Oh meu rico S. João
Olha para a velha malta
Sob o manto de ilusão
A juventude não falta!*
"Coimbrão"
- Fernando Ruas

2º Prémio

*Ó meu rico S. João,
Que saudade das cantigas,
Das danças aconchegadas
Ao peito das raparigas*
"NEMO"
- Manuel Osório

Menção Honrosa

*Eu nunca te pedi nada,
Ó meu rico S. João,
Estou perdida na estrada
Vem depressa dar-me a
mão!*
"Maria Perdida"



SE NÃO SABIAS, FICAS A SABER QUE ...

➤ 1º semestre de 2006.

Continua a generosidade dos nossos Sócios e Amigos a enriquecer o espólio da nossa Associação.

Oferta de livros e outra documentação: Carlos Carranca, Maria Alba de Castro Botelho, Reitor Rui Alarcão, Maria Isabel Cerdeira, Manuel António de Moura Pacheco, Francisco Nobreza.

Se todos são de salientar na nossa gratidão, merece hoje uma menção muito especial a oferta do Sr. Eng. Fernando Soares da Costa (até lhe menciono título académico!) de um piano electrónico portátil, afinadíssimo e de belíssimo som. **Bem-hajam!**

Deixamos aqui o pedido de indicarem sempre a identidade de quem oferece, para nos evitar o lapso involuntário de não os nomearmos no nosso agradecimento.

- Estão à venda na Sede os vídeos e DVD das seguintes viagens: a Berlim / Hannover / Expo 2000; Passeio da Primavera 2002 a Salamanca e Viagem de Fim-de-Ano a Madrid; Viagem de Fim-de-Ano à Madeira / Pôr-do-Sol; Passeio de Verão a S. Petersburgo, Báltico, Finlândia, Lapónia e Cabo Norte; Império dos Incas (Perú – Bolívia); Viagem à Holanda e Cruzeiro no Reno; Viagem ao Chile / Patagónia / Ilha da Páscoa / Terra do Fogo / Argentina (vídeo e DVD)
- Estão à venda os CD's de: Coro dos Antigos Orfeonistas da Univ. de Coimbra "Vinte Anos ao Vivo – no CCB"; "Poesia para Todos" de Carlos Carranca

Nota Final:

Ao tomar a iniciativa de relançar o "*Capa & Batina*", a Direcção confiou, naturalmente, na disponibilidade dos Sócios para relatarem o que viram e o que sentiram ao participar nos eventos que nele se registam; e também nos fotógrafos (amadores ou profissionais...) para enviarem as imagens mais elucidativas. Só que, por cansaço ou ineptidão dos nossos apelos, essa disponibilidade é reduzida e poucas vezes espontânea – daí o inevitável atraso nas suas publicações...

Se gostas de lembrar tudo com pormenor no futuro, ajuda-nos nesta tarefa!

VII – COLABORAÇÃO E CONVÍVIO COM OUTRAS ENTIDADES

- A Associação Académica de Coimbra convidou-nos a assistir à tomada de posse dos seus Órgãos Gerentes para 2006, a qual ocorreu no dia 25 de Janeiro no "Pátio das Escolas – Via Latina".
- A Casa dos Açores festejou o seu 79º Aniversário no dia 31 de Março, na Quinta dos Gafanhotos, tendo estado presentes não só a Direcção da nossa Associação como convidada, mas também numerosos Sócios, em alegre confraternização com os amigos açorianos.
- O Reitor da Universidade de Lisboa convidou-nos a assistir ao concerto inaugural da Aula Magna remodelada "Carlos do Carmo & Orquestra Sinfonietta de Lisboa", que teve lugar no dia 8 de Março e contou com uma sala plena a aplaudir os artistas nesta récita inédita.
- O Presidente da Câmara Municipal de S. João da Madeira solicitou a presença da AAACL na homenagem que promoveu, no dia 19 de Maio, ao nosso Associado ngelo Vieira Araújo, natural daquela cidade e já quase lendário autor e intérprete do Fado e da Canção de Coimbra.
- A Universidade de Lisboa convidou-nos para a cerimónia da tomada de posse do novo Reitor, Professor Doutor António Sampaio da Nóvoa, que ocorreu no dia 23 de Maio, na Aula Magna, seguida da tomada de posse dos Vice-Reitores (2) e dos Pró-Reitores (5).

1 - Ainda temos Sócios com **Quotas** em atraso, não só deste ano como de anos anteriores (as dos anos 1999 a 2006 perfazem 20.750 Euros...) Quando estarão todas em dia?

Dependemos da consciência de um dever estatutário...!

CAPA E BATINA

DIRECTOR - A PRESIDENTE DA DIRECÇÃO

EDIÇÃO: ASSOCIAÇÃO DOS ANTIGOS ESTUDANTES DE COIMBRA EM LISBOA

INSTITUIÇÃO DE UTILIDADE PÚBLICA

RUA ANTÓNIO PEREIRA CARRILHO, 5 - 1º - 1000-046 LISBOA

TELEF.: 21 849 41 97 FAX: 21 849 42 08 E-MAIL: aaecl@sapo.pt

PERIODICIDADE: SEMESTRAL TIRAGEM: 1 000 EXEMPLARES

DISTRIBUIÇÃO GRATUITA AOS SÓCIOS DA ASSOCIAÇÃO